Somente pela Graça



Abraham Booth

PES

Somente pela Graça

Uma versão abreviada e simplificada do clássico
O Reinado da Graça de Abraham Booth
publicado pela primeira vez em 1768

Preparado por H. J. Appleby

Editor Geral: J. K. Davies, B.D.Th.D

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS
Caixa Postal 1287
01059-970 – São Paulo – SP

Título original:
The Reign of Grace

Autor:
Abraham Booth

Título da versão condensada:
By God's Grace Alone

Compilador:
H. Appleby

Tradutor:
Sabatini Lalli

Revisor:
A. Poccinelli

Primeira edicão em português:
1986

Reimpressão:
2002

Capa:
Sergio Luiz Menga

Impressão:
Imprensa da Fé

Índice

Prefácio 7
Introdução 9
1. Que é graça? 12
2. Salvação, totalmente gratuita! 14
3. 1ª parte – A eleição, ou graça diferenciada 16
   2ª parte – A eleição estimula à santidade 22
4. Como a graça controla o chamado feito por Deus 30
5. Deus perdoa os nossos pecados porque Ele é misericordioso 35
6. Nossa justificação vem pela graça
   1ª parte – Provas 41
   2ª parte – Exemplos 46
7. Nossa adoção vem pela graça 52
8. Nossa santificação vem pela graça 55
9. A importância da santidade e das boas obras 60
10. A graça mantém os crentes seguros até que cheguem ao céu 63
11. A graça é bem sucedida devido a Cristo ser quem é. 68
12. A graça é bem sucedida por causa daquilo que Cristo fez 73
13. O propósito final da graça de Deus 75

Prefácio

à 16ª e última edição do livro *O Reinado da Graça*, publicado originalmente em 1768

Não preciso defender a decisão de escrever este livro. Se suas verdades são bíblicas, a desaprovação pública delas não me preocupará. Se elas não são bíblicas, defesa *alguma* jamais poderia sustentá-las.

Tentei não só afirmar os ensinamentos do evangelho, de um modo teórico, como também salientar o seu valor prático na experiência de um cristão.

Quando jovem, opus-me tenazmente à verdade da eleição. Compreendo agora que minha atitude foi um ataque à soberania de Deus. Assim, penso ser meu dever, nesta edição, explicar como a eleição completa a harmonia de todas as outras verdades do evangelho (Veja capítulo 3).

Estou plenamente persuadido de que as verdades da graça soberana, longe de tornar o indivíduo espiritualmente negligente, contribuem realmente para confortar e santificar mulheres e homens* pecadores. Se eu não estivesse assim persuadido, jamais falaria ou escreveria novamente a respeito de tais verdades.

Queira Deus o abençoar enquanto ler estes capítulos. Assim, esta obra terá sido de alguma utilidade para a glória de Deus.

– A. Booth

---

* Isto é, aqueles que foram espiritualmente despertados para conhecerem o seu *estado* de pecado aos olhos de Deus. (Editor).

Introdução

Paulo e os cristãos da Igreja Primitiva, por causa de sua pregação, eram constantemente atacados pelos judeus religiosos de seu tempo. Isso acontecia porque aqueles cristãos estavam vivendo de maneira imoral? Na realidade, não! Seria porque aqueles cristãos não praticavam boas obras? Também não! Por que então eram tão perseguidos? Era porque a verdade que pregavam ofendia o orgulho humano!

Eles pregavam que a salvação, mesmo para as melhores pessoas da terra, só era possível por causa da graça de Deus manifestada na morte de Cristo na cruz. Eles nada sabiam a respeito da exigência de decisão humana, a qual muitos hoje acham necessária para uma pessoa ser aceitável a Deus. Conheciam apenas um meio para a salvação: o fato de Deus ser misericordioso. E esse ensino a respeito da graça não aparece episodicamente na pregação deles, mas é um ensino que brilha, reina e triunfa. É *a única* verdade que eles pregavam. Para eles, qualquer idéia de merecimento humano quanto à salvação do homem era inteiramente errada. Nossos mais brilhantes feitos e nossas mais preciosas qualidades, ainda que altamente úteis e apreciáveis em nossos círculos humanos, para nada valem quanto à salvação. A pregação apostólica dirigia-se a todos os homens como pecadores culpados, condenados e miseráveis perante os olhos de Deus.

Para os apóstolos, a única esperança de salvação existia no fato de Deus ser misericordioso.

Esse ensino ofende muitas pessoas. Pessoas decentes, de boa moral, sentem necessidade de defender aquilo a que chamam santa maneira de viver (ainda que, com freqüência, mais falem do que pratiquem esse tipo de vida!). Acusaram esse ensino de produzir, provavelmente, toda espécie de vida imoral.

Essa pregação não apenas ofende o orgulho do homem, quando insiste em que não pode haver nenhuma espécie de mérito humano para a salvação, ela o ofende também porque insiste em que Deus, sendo misericordioso, é o único caminho para a salvação. Portanto, os que rejeitam esse ensino estão, necessariamente, sujeitos ao castigo eterno. Isso, dizem, revela mentalidade muito tacanha. Não seria muito mais caridoso deixar que os que divergem de nós, nas suas convicções, sintam-se seguros no seu próprio caminho? Paulo, contudo, falando a respeito do evangelho da graça, disse enfaticamente: "Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema" (Gál. 1:8).

A pregação da Igreja Primitiva era uma mensagem sem cerimônia! Não dava lugar ao mérito humano. Sua preocupação era com os indignos e miseráveis, quaisquer que eles fossem. Nada tinha para aqueles que estavam satisfeitos com sua própria auto-suficiência. Essa foi a razão porque Paulo, com tanta freqüência, era atacado pelas orgulhosas autoridades religiosas de seu tempo.

E essa é, ainda, a diferença básica entre o protestantismo

bíblico e o catolicismo romano. Enquanto o orgulho, em seu progresso, infeccionar o coração de um homem, ele fará objeção à doutrina dos apóstolos, não compreendendo sua verdadeira natureza. Onde quer que o evangelho da graça tenha sido modificado, para aceitar a inclusão de méritos humanos como necessários à salvação, ao invés da santidade ser promovida, o inverso é o que tem ocorrido.

Enquanto pessoas auto-suficientes desprezam a salvação que nos vem apenas pela misericórdia de Deus, os "humildes de espírito" a amam! Para o *pecador consciente*,* o evangelho da graça é um toque de alegria. Embora os que ignoram esse evangelho estejam prontos a imaginar que ele produzirá vidas desregradas, nós, de fato, afirmamos corajosamente que o evangelho torna os homens santos.

Realmente, os que sustentam a verdade da salvação pela graça, apenas teoricamente, podem viver desregradamente. Isso porque nunca experimentaram a beleza deste evangelho em suas afeições, nem o poder dele em suas vontades. Por isso, escrevo para mostrar o poder, a glória e a majestade deste evangelho na salvação de pecadores. Tentarei ilustrar as palavras de Paulo: *"a fim de que...reinasse a graça pela justiça para a vida eterna, mediante Jesus Cristo, nosso Senhor"* (Rom. 5:21). E enquanto oro, pedindo sabedoria espiritual para escrever honestamente, suplico a você, leitor, que pense cuidadosamente a respeito do conteúdo das páginas seguintes.

---

* Isto é, uma pessoa que, pelo Espírito Santo, tornou-se ciente de sua pecaminosidade. (Editor).

1

Que é graça?

Paulo emprega a palavra "graça" para significar o oposto de "obras e méritos". "Pela graça sois salvos... não por obras" (Ef. 2:8-9). Graça significa *favor imerecido ou favor dado sem que seja ganho por esforço algum.*

Pela palavra "misericórdia" entendemos que alguém em dificuldade ou derrotado está recebendo um benefício. Misericórdia faz supor uma pessoa sofredora a quem ela é concedida. Semelhantemente, "graça" sempre pressupõe indignidade na pessoa que a recebe. Se alguém nos dá qualquer coisa por graça, é porque nós não a merecemos. Qualquer coisa que mereçamos por direito não pode ser nossa por graça. Graça e mérito não podem estar ligados no mesmo ato. São realidades tão opostas como luz e trevas. "Se é por graça, então não é por obras; de outra maneira, a graça já não é graça" (Rom. 11:6).

Assim, dizemos que nós recebemos a graça de Deus. Estamos dizendo, ao mesmo tempo, que somos indignos dela e que não podemos trabalhar por ela. Dessa maneira, definimos *graça* como ela é usada no Novo Testamento, ou seja,

"O eterno e absolutamente livre favor de Deus na

doação de bênçãos espirituais e eternas concedido a pessoas indignas e culpadas".

Nas páginas que se seguem tentarei descrever em que consistem estas bênçãos espirituais e eternas, porém, por agora, note que a graça de Deus é eterna.

A graça de modo algum depende do mérito humano; depende só da vontade de Deus. Não é ganha por mérito nem perdida por culpa. A graça é absolutamente livre de qualquer influência humana. Portanto nada há que possa derrotá-la, uma vez que ela tenha sido dada. Por isso, Deus pode dizer: "...pois que com amor *eterno* te amei" (Jer. 31:3). Tal é a gloriosa base da nossa salvação!

Graça não é como uma franja de ouro na fímbria do vestuário; não é como um enfeite que decora um vestido; porém, é como o propiciatório do Tabernáculo, que era de ouro – de ouro puro – inteiramente de ouro! Portanto, aprendemos como estão seriamente enganados os que sugerem que a graça de Deus pode ser alcançada pelas boas obras. A graça de Deus recusa-se a ser ajudada naquilo que ela tem que fazer. Não seria um insulto à soberania de Deus sugerir que Ele precisa de ajuda do pobre desempenho do homem? Ou a graça é absolutamente livre de toda a nossa influência, ou então não é graça de modo algum.

2

Salvação: totalmente gratuita!

A graça "reina", diz Paulo em nosso texto (Rom. 5:21). Daí a graça ser comparada a um rei. Nos versículos anteriores, o pecado também é comparado a um rei. Como o pecado aparece armado de poder destrutivo, infligindo a morte, assim a graça aparece armada de invencível poder, amorosamente determinada a salvar. E onde o pecado abundou, a graça o superou em tudo (v. 20). Assim, o controle é da graça.

Noutras palavras: aqueles que Deus salva por Sua vontade misericordiosa certamente estão totalmente salvos. Se Deus graciosamente resgata homens do poder do pecado, e lhes dá novas habilidades espirituais, então não serão deixados para se fazerem suficientemente santos para entrar no céu. Se a obra graciosa de Deus ficasse restrita a isso, a conseqüência final ainda seria duvidosa; a graça não estaria reinando. Além disso, admitindo-se que tal coisa fosse possível, os que conseguissem santificar-se por seus próprios esforços ficariam muito orgulhosos pelo que fizeram – o que seria diametralmente o oposto da graça!

Portanto, se a graça há de reinar, ela tem que ser o único meio de salvação. Por Sua vontade misericordiosa, Deus

não apenas tem que começar, mas também tem que continuar e completar a salvação do pecador. Então, e só então, se pode dizer com certeza que a graça reina". Certamente uma certeza maravilhosa como essa glorifica a Deus.

A graça adapta-se à nossa necessidade melhor do que qualquer outra coisa. Visto que o pecado é um tirano que reina sobre nós e pretende levar-nos à morte eterna, que esperança podemos ter de salvação firmados em nossos próprios esforços? Quando nossas consciências ficam alarmadas por causa de nossas muitas falhas vergonhosas, não entramos em desespero? Lembre-se, porém, de que a salvação é pela graça de Deus! A graça de Deus está fundamentada na obediência perfeita e meritória de Cristo. O pecado não pode destruir o valor disso. A graça pode reinar sobre a maior indignidade. Na verdade, é só com o indigno que a graça se preocupa. Isso é assombroso! Isso é maravilhoso! Há esperança de salvação para o pior indivíduo, se é que ela é assegurada pela riqueza da graça que reina.

Tendo procurado mostrar, de modo geral, que a graça reina para a salvação, mostrarei, particularmente, nos capítulos seguintes, como a graça reina na nossa eleição – chamamento, perdão, justificação, adoção, santificação e perseverança.

3

Primeira Parte
A eleição, ou graça diferenciada*

Deus é glorioso porque é perfeito. Tudo quanto Ele faz é perfeito. Portanto, precisamos dizer que, embora o mundo ao nosso redor e os homens nele estejam agora perversamente afetados pelo pecado, tem que haver ainda algum meio pelo qual a glória de Deus possa ser estabelecida nele. Questionar isso é negar que tudo o que Deus faz chega à perfeição, como também sugerir que Deus foi incapaz de impedir que o mundo se desenvolvesse conforme tem desenvolvido.

Deus criou Adão e lhe deu liberdade de escolha, mesmo sabendo que ele ia pecar e que faria toda a raça humana ficar sujeita à maldição. Se tudo quanto Deus faz é perfeito, então esse acontecimento deve ser parte de um processo que demonstrará a gloriosa perfeição de Deus. As Escrituras ensinam que, por escolher salvar graciosamente e de maneira gloriosa uma grande família dentre a raça decaída de Adão, Deus demonstra perfeição ilimitada. Esse ato da miseri-

---

* Este capítulo é muito longo no livro de Abraham Booth. Como ele explica no prefácio, antes ele se opunha a esta verdade. Agora escreve exaustivamente para explicá-la. Por isso, nesta versão simplificada temos dividido o capítulo em duas partes. (Editor)

cordiosa escolha de Deus é comumente chamado de eleição, ou graça diferenciada.

A doutrina da eleição é atualmente uma verdade muito combatida. Sem dúvida, no passado ela foi ensinada como importante verdade, especialmente pelos Reformadores. Mas agora (isto é, nos dias de Abraham Booth) esta doutrina é tida como uma ofensa à razão humana, imoral, danosa à verdadeira piedade e lesiva à humanidade em geral. Não admira, pois, que a verdade seja impopular!

Ora, por que será que esta verdade é tão combatida? A menos que eu esteja grandemente enganado, é porque ela põe fim ao nosso orgulho humano. Fazendo a salvação depender totalmente da misericordiosa decisão de Deus, a eleição não faz diferença entre uma pessoa e outra – no tocante a uma ser salva e outra não. Só Deus recebe a glória por salvar uma pessoa. Todavia, a orgulhosa independência dos corações humanos ressente-se desse fato. Há também outras razões pelas quais essa verdade é combatida; porém a razão apontada é suficiente, pois não é o meu propósito aqui argumentar em defesa da eleição. Outros, com mais tempo e habilidade do que eu, já o fizeram muito bem. Eu simplesmente explicarei o que significa essa verdade e como ela nos pode ajudar.

Desde que as Escrituras falam sobre os "eleitos", segue-se que nem toda a raça humana está incluída nesse termo. A escolha de uns implica na rejeição de outros. Isso está claramente implicado nas palavras "eleito" e "escolhido".

Os chamados "eleitos" nas Escrituras não são todas as nações ou comunidades, mas indivíduos. Eles são referidos

como tendo os seus nomes "escritos nos céus" (Luc. 10:20) e "no livro da vida" (Apoc. 20:15). São referidos como os que "foram ordenados para a vida eterna" (Atos 13:48). Desses versículos podemos concluir que os eleitos são pessoas específicas.

Isso é também confirmado pelo fato de que a salvação foi obtida por Jesus Cristo, que Se tornou o Mediador e Substituto desses pecadores. É absurdo supor que alguém possa ser substituto ou mediador de pessoas desconhecidas. Se um homem se torna legalmente responsável pelas dívidas de outro, esse homem, certamente, deverá conhecer muito bem aquele endividado.

Uma pessoa só pode ter certeza da salvação se ela for precisamente identificada. Suponhamos que o propósito de Deus simplesmente tivesse sido o de salvar "todos os que crêssem em Jesus", então permaneceria duvidoso se alguém seria atualmente salvo, porque não se saberia se alguém iria crer.

Contudo, se você disser: certamente alguns creriam, responderei que uma tal certeza tem que surgir do propósito de Deus. Não há outra maneira de saber-se que o futuro é certo. Ora, se Deus planejou que alguns haveriam de crer, Ele deve saber quem são eles, porque a fé deles "é dom de Deus" (Ef. 2:8). Também parece claro que Deus sempre conheceu os que iriam ser salvos, uma vez que algumas passagens das Escrituras indicam que os que crêem foram escolhidos "antes da fundação do mundo" (Ef. 1:4).

Seria possível descobrir alguma razão por que os eleitos foram escolhidos e os outros foram deixados de lado?

Nenhuma razão pode ser encontrada nas próprias pessoas, pois *toda* a humanidade é indigna de receber a bênção de Deus. A única razão para se estabelecer a diferença entre as pessoas é dada pelas Escrituras. Deus diz "...compadecer-me-ei de quem eu me compadecer, e terei misericórdia de quem eu tiver misericórdia" (Rom. 9: 15).

Mesmo que, originalmente, não houvesse diferença entre indivíduos, poderia ser que Deus *previu* os que haveriam de crer e, portanto, os escolheu? Não, absolutamente! Porque, então, a graça não reinaria, mas dependeria da fé das pessoas.

As Escrituras mostram que a fé não é a causa que se patenteia na eleição, e sim o resultado: "...e creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna" (Atos 13:48). "Como também nos elegeu antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos..." (Ef. 1:4). "E aos que predestinou, a estes também chamou" (Rom. 8:30). "Mas vós não credes porque não sois das minhas ovelhas" (João 10:26). "Deus nos chamou não segundo as nossas obras, mas segundo o seu propósito e graça, antes dos tempos dos séculos" (2 Tim. 1:9).

Fé e santidade são como brotos e ramos comparados com a raiz de uma planta; não são a raiz nem o fruto; não são a causa nem o resultado. São o resultado do crescimento da raiz e os meios pelos quais se formam os frutos. Do mesmo modo, fé e santidade são o resultado da graça e os meios para alcançar a glória. "...pela graça sois salvos, por meio da fé" (Ef. 2:8). A fé não é a causa, mas o resultado da eleição.

Além de tudo isso, se as pessoas foram eleitas porque

Deus sabia que elas iam crer, por que então precisavam ser eleitas? Os que têm fé hão de ser salvos, de qualquer modo! Se a fé já existe, a eleição é desnecessária! No entanto, em muitas passagens as Escrituras insistem sobre o fato da eleição.

Paulo nos explica a questão mais plenamente em Romanos 9:10-23. Ele responde também a supostas objeções levantadas contra a eleição, insistindo em que Deus, se é Deus, tem que ter o direito de fazer o que deseja. Se aos reis humanos é permitido fazer aquilo que desejam, podemos nós negar a Deus – que governa sobre todas as coisas – os direitos reais?

A suprema perfeição de Deus significa que Ele não pode tomar decisões insensatas nem governar de maneira injusta, nem planejar sem amor. Portanto, depois de examinar cuidadosamente a soberania de Deus, Paulo exclama: "Ó profundidade das riquezas tanto da sabedoria como da ciência de Deus" (Rom. 11:33). O que quer que Deus faça, Ele o faz como um Pai sábio e compassivo. Por que Ele escolheu salvar alguns, quando todos são indignos? Porque nosso Criador é misericordioso! Por que escolher uns e não outros? Porque nosso Criador tem indisputável direito de fazer aquilo que deseja com o que é Seu!

Agora quero considerar aquilo que Deus pretendeu realizar mediante o uso de Sua graça discriminativa. Com muita facilidade presumimos que Deus só Se interessa em fazer felizes os eleitos e em atormentar os rejeitados. Esse é um grande erro! É blasfemo sugerir que um Deus supremamente bom tem prazer na miséria de

pecadores atormentados.

A Bíblia afirma, claramente, que a razão pela qual Deus age em graça é o louvor de Sua própria glória. Quando Deus pune um pecador, Ele mostra o quanto Sua natureza santa se opõe ao pecado. Quando Deus salva pecadores daquilo que eles merecem, Ele mostra a Sua misericórdia estupenda e graciosa. Todos os atos de Deus, portanto, manifestam algum aspecto de Sua glória. Os atos de Deus são feitos "para dar a conhecer as riquezas de sua glória" (Rom. 9:23).

Assim, Deus faz o que faz a fim de mostrar Sua glória. E não somente isso. O modo como Deus faz as coisas, revela quão glorioso Ele é. A salvação de pecadores é efetuada pela vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, o eterno Filho de Deus, e pelo Espírito Santo operando na vida dos crentes, possibilitando-lhes serem santos. Todos estes atos de Deus são gloriosos!

Ademais, aquilo que Deus faz é imutável. Esse fato demonstra a Sua glória. Como? Se Ele mudasse de idéia, teria que ser para melhor ou para pior. Se for para melhor, então Ele não era perfeitamente sábio *antes.* Se for para pior, então Ele não é perfeitamente sábio *agora.* Portanto, o fato de Deus nunca ter necessidade de mudar de idéia é outra evidência de Sua gloriosa perfeição. Ele sempre está certo, jamais precisando de mudar. "E aos que predestinou, a estes também glorificou" (Rom. 8:30). Se Deus pudesse mudar de idéia, Paulo não estaria com tanta certeza como está! Mas, desde que a eleição daqueles que Ele quer salvar é imutável, segundo a Bíblia, sabemos também que isso tem que ser gloriosamente certo!

Segunda Parte
A eleição estimula à santidade

Desde que a eleição do povo de Deus é ensinada nas Escrituras, esperamos que ela contribua para a santificação dele.

Humildade, amor e gratidão são três elementos essenciais da verdadeira religião. O ensino bíblico a respeito da eleição promove esses três elementos.

A graça discriminativa, certamente, ocasiona a humildade. Todos os homens estão igualmente arruinados. Os pecadores não são salvos porque merecem, porém, tão-somente pela misericordiosa escolha de Deus. Daí ninguém ter razão alguma para orgulhar-se. A salvação "não vem das obras para que ninguém se glorie" (Ef. 2:9). Por isso, a graça discriminativa torna os crentes humildes. Eles são obrigados a reconhecer que não têm mais direito de ser salvo do que o maior miserável que já está no inferno. É como Paulo escreve: "...quem te diferencia? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houveras recebido?" (1 Cor. 4:7).

Além disso, a eleição dos filhos de Deus cria neles um grande amor para com Ele. Quando eles tomam consciência das bênçãos da salvação que Deus graciosamente lhes deu, ainda que não a merecessem mais que quaisquer outros homens, hão de ficar cheios de amor e admiração. Deus podia, com justiça, tê-los mandado para o inferno, mas ao

invés disso, os elevou para o céu. Não deverão eles amá-lO por isso?

E esse amor se expressará por meio da gratidão. Se Deus fez tanto por nós, sem que o merecêssemos, não deveríamos nos entregar totalmente a Ele, em serviço de gratidão? Com Paulo, dizemos: "Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais, em Cristo; como também nos elegeu nele antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dele em amor" (Ef. 1:3-4).

Humildade para com os nossos semelhantes, amor e gratidão para com Deus – são esses os frutos de uma compreensão da graça discriminativa de Deus. A eleição, portanto, influencia-nos para nos tornar melhores crentes.

Ao mesmo tempo, por mais cheia de auxílio que esta verdade possa parecer àqueles que já são crentes, será que ela não vai desencorajar os que ainda não o são? Os que buscam tornar-se crentes poderão argüir: "Se eu não estiver entre os eleitos de Deus, então não importa o quanto eu deseje ser salvo, pois jamais o serei".

Esse pode parecer um argumento plausível, mas na verdade é um grande erro. Deixe-me ilustrar o que quero dizer. Suponhamos que um alimento é repentinamente apresentado a um homem faminto. Teria sentido ele dizer: "Não sei se Deus pretende que eu seja alimentado por este determinado alimento. Por isso, não importa o quanto eu o deseje, não posso comê-lo". Não seria muito mais sensato dizer: "Tenho um forte apetite. O alimento é o meio de satisfazer o meu apetite. Portanto, eu comerei este alimento".

Ora, Cristo é o pão da vida, o alimento das nossas almas. Este alimento celestial é provido pela graça oferecida no evangelho e livremente apresentado a todos os que têm fome, sem exceção. Que teria de fazer, então, o pecador espiritualmente despertado senão, sendo habilitado pelo Senhor, tomar, comer e viver para sempre? Os pecadores não são encorajados a crer em Jesus em troca de saberem que são eleitos. Não, as novas da misericórdia de Deus são dirigidas aos pecadores considerados *como prontos para perecerem.* Todos, sem exceção, que conhecem sua situação perigosa e sentem sua incapacidade, são convidados, sem demora, a aceitarem as bênçãos espirituais, antes mesmo de pensarem a respeito de sua eleição. Assim, esta verdade não deve aterrorizar um despertado ou qualquer pessoa que tenha consciência de seu pecado. Os que estão indiferentes a respeito de suas almas, ou têm elevada opinião sobre sua própria bondade, de qualquer maneira jamais se incomodarão com a eleição!

No entanto, não poderia alguém dizer: "Se eu estou entre os eleitos, então necessariamente serei salvo, não importa como eu me comporte". Por acaso este ensino das Escrituras referente à graça discriminativa não encoraja o crente a viver descuidadamente?

Às vezes, você pode encontrar pessoas que dizem crer na eleição e cujas vidas são cheias de impiedade. Tais pessoas, porém, estão enganando a si mesmas. A eleição não significa meramente que um certo número de pessoas irá, seguramente, para o céu. A razão da eleição é que o povo de Deus fosse santo e irrepreensível diante dEle (Ef. 1:4),

ou seja, a eleição significa que um certo número de *santos* alcançará o céu.

Deus não indicou apenas o lugar (o céu) para onde os eleitos irão, porém, mostrou também o caminho pelo qual eles chegarão lá. Paulo escreve: "Devemos sempre dar graças a Deus... por vos ter elegido desde o princípio, para a salvação, pela santificação do Espírito, e fé na verdade" (2 Tess. 2:13). Assim, uma parte essencial da experiência espiritual dos eleitos deve ser a "santificação" e a "fé na verdade". Onde esses elementos não estiverem presentes, não há eleição.

Há um outro argumento semelhante a esse último, o qual se costuma apresentar contra a verdade da eleição. É o seguinte: qual é a utilidade da pregação, da oração e da auto-negação? Se os eleitos já estão certamente escolhidos, não há necessidade dessas coisas. A resposta a esse argumento é a mesma que demos ao argumento anterior, ou seja, Deus usa deliberadamente a pregação, a oração e a auto-negação para efetuar aquele viver santo para o qual Ele escolheu o Seu povo. Posso mostrar o absurdo desse argumento por meio de outra ilustração.

Vamos concordar que há um Deus que governa todos os nossos negócios humanos por Sua providência. Se Ele planejou tudo aquilo que fará, então a objeção de que "se alguém é eleito, esse alguém não precisa ser santo" também se aplica a todos os negócios da vida diária. Se Deus planejou todos os negócios humanos, então quer com saúde ou doentes, quer bem sucedidos ou falhos em nossos negócios, quer habilidosos ou não na execução de nossas tarefas, tudo

é governado pela providência. Contudo, quem será tão insensato para dizer: "Não importa se eu como, durmo ou estudo, desde que as circunstâncias de minha vida já foram determinadas pela providência!" Uma vez que não raciocinamos tão absurdamente em relação aos afazeres de nossa vida natural, por que o faríamos em relação aos interesses de nossa vida espiritual?

O perfeito conhecimento de Deus inclui todos os detalhes de nossas vidas, tanto quanto o nosso destino final. Não podemos separar os pormenores do fim. Deus prevê que chegarão aos céus somente aqueles que, segundo Sua previsão, se tornam santos por esforço espiritual diário; e ninguém Ele prevê no inferno, exceto aqueles pecadores que diariamente rejeitam Sua verdade.

Alguns, porém, acrescentam o argumento: "Este ensino torna Deus injusto, desde que Ele é misericordioso para com alguns e não para com todos. Deus Se tornou desleal". Eu respondo: a injustiça só pode estar presente quando a recompensa proveniente de um compromisso assumido *deixa de ser dada.* Se um magistrado aplica a lei rigorosamente no caso de um pobre e indulgentemente no caso de um rico, ele é injusto. Todavia, se ele como um benfeitor é generoso para com os necessitados entre seus vizinhos, nunca diríamos que é obrigado a ser generoso para com *todos os necessitados.* Isso seria impertinência de nossa parte! Se é apenas um problema de doação graciosa, não pode haver injustiça – mesmo que todos não recebam. E isto é ainda mais verdadeiro com relação a Deus, pois Ele é o Criador que tem o direito absoluto de fazer o que quiser com o que é

Seu – e Sua natureza perfeita nos assegura que Ele nada faz de errado.

Deixe-me perguntar-lhe: todos os homens pecaram ou não? Se pecaram, então todos são culpados perante Deus. Se admitimos isso, então mesmo que todos perecessem Deus seria justo. E a eleição de alguns para a salvação não causa dano aos não eleitos. Assim, a "não-eleição" não é uma punição injusta. Dizer que Deus não pode deixar ninguém se perder é dizer que todos têm direito à salvação. No entanto, ninguém tem direito à salvação. Ela é somente pela graça.

A verdade é que o argumento "Deus é injusto ao eleger alguns e não todos" procede da auto-estima que nós, erradamente, temos de nós mesmos e da visão míope que temos de Deus. Será o altíssimo e sublime Deus tão limitado que não possa fazer o que Lhe agrada?

Deixe-me, agora, mostrar-lhe o valor real e prático da eleição para nós. Primeiro, a verdade tem algo a dizer ao pecador descuidado. Você já viu que todos são culpados aos olhos de Deus, e que Ele escolheu alguns para a salvação, deixando outros sofrerem as justas conseqüências de seus pecados. Como você pode saber que esse não é *o seu caso?* Ser rejeitado por Deus é estar perdido para sempre. Você ainda está desinteressado? Ora, você está nas mãos de um Deus ofendido e, contudo, não tem idéia certa daquilo que Ele fará com você! Se você teme a possibilidade do inferno, deve saber que é exatamente isso que merece. Você tem boas razões para tremer. Medite sobre estes fatos terríveis! Que o Senhor possa ajudá-lo a "fugir da ira vindoura" (Mat. 3:7).

Assim, a partir disso, é claro que o ensino de que o amor de Deus é geral e igual para com toda a humanidade, e de que Cristo morreu por todos, pode entorpecer as consciências. Se todos são igualmente amados e salvos, por que devo me preocupar? Somente as verdades bíblicas, isto é, a graça discriminativa e Cristo como o substituto dos eleitos, têm poder para despertar o pecador descuidado.

Segundo, a verdade da graça discriminativa tem algo a dizer ao crente. Você é *um verdadeiro* crente? Nesse caso, a graça lhe mostra a quem deve louvar e lhe diz que você deve ser humilde! Essa verdade também lhe dá a certeza de que aqueles que recebem essa graça estão seguros para a eternidade, pois coisa alguma pode derrotar a graça de Deus. Ela reina! Quão importante, então, é "fazer firme a vossa vocação e eleição" (2 Ped. 1:10). Você está convencido de que esta verdade da eleição é uma verdade bíblica? Então, tome posse de todos os seus benefícios. Sem dúvida, de todos os nomes que são dados na Bíblia ao povo de Deus, o de "eleito de Deus" é o mais marcante. Ele significa que você está autorizado a desfrutar de todos os imensos privilégios que a graça oferece. "Uma geração escolhida, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo adquirido para que anuncieis as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz" (1 Ped. 2:9).

Terceiro, esta verdade da graça discriminativa tem algo a dizer ao que é crente só de nome, que fala muito a respeito de doutrina, mas em cuja vida se vêem, freqüentemente, a falta de santidade, o orgulho e a malícia. Você é desse tipo? Então, você pode falar quanto quiser a respeito de doutrina;

isso não lhe fará bem algum. A sua vida torna claro que você é um inimigo da graça. Você obedece realmente aos seus apetites pecaminosos. Você realmente não ama a Deus! Que a graça da qual fala – sem nenhuma experiência dela – possa livrá-lo misericordiosamente do seu pecado. Seria difícil encontrar um caso mais deplorável do que o de uma pessoa que finge conhecer aquilo que realmente não experimenta.

4

Como a graça controla o chamado feito por Deus

O fato de Deus graciosamente escolher um povo para Si, dentre toda a raça humana pecadora, não é inicialmente conhecido pelos que são escolhidos. Eles nada sabem a respeito do assunto antes de serem convertidos. O Espírito Santo, portanto, precisa realmente chamá-los um por um, ou eles jamais saberão que são filhos de Deus! Essa experiência é conhecida nas Escrituras como "chamados por Deus" (1 Cor. 1:9); "chamados pela graça" (Gál. 1:15); "chamados pelo evangelho" (2 Tess. 2:14). O Espírito Santo serve-Se do evangelho para efetuar esse chamamento.

Os pecadores estão espiritualmente mortos. Eles aceitam a verdade do evangelho só quando o Espírito Santo os vivifica. "Os mortos ouvirão... e os que ouvirem viverão" (João 5:25). O pecador recém-despertado talvez se sinta longe de Deus; porém, o evangelho diz: "...o que vem a mim de maneira nenhuma o lançarei fora" (João 6:37). Assim, o pecador espiritualmente vivificado vem a Jesus, confiando na verdade do evangelho. Essa é, em suma, a experiência de quem é chamado pela graça. O fato de qualquer pecador ser

chamado deve-se inteiramente à graça divina. "Deus chamou-me por Sua graça", disse Paulo. E nenhum santo jamais alegará outra causa.

Os pecadores, em geral, consideram suas ofensas contra Deus mais como falhas do que como crimes. Eles dormem em seus pecados, sonhando com uma misericórdia geral que (esperam) lhes seja outorgada. Eles jazem inconscientes de seu perigo, até que o Espírito de Deus os toca e os convence de sua pecaminosidade. Mas quando eles são levantados da morte espiritual pelo Espírito de Deus, aprendem repentinamente que cada um de seus pecados os coloca sob a maldição de Deus. Os deveres negligenciados, as boas dádivas de Deus ingratamente usadas, os atos de rebelião cometidos contra Deus assediam a mente do pecador recém-despertado e perturbam sua alma. A consciência aguça o seu ferrão e a culpa se torna um peso. Ele vê que a santa lei de Deus é justa. A ruína passa a ser vista como inevitável para os pecadores não perdoados.

Daí, pelo Espírito e pela palavra da verdade, os pecadores despertados aprendem que são incapazes de escapar da lei de Deus por qualquer esforço próprio. Essa convicção os torna alarmados por não terem percebido antes sua ignorância e indiferença. Agora eles sabem que as Escrituras são verdadeiras quando atribuem ao homem natural a condição de um "cão que retorna ao seu vômito", de uma "porca lavada que retorna ao espojadouro de lama" (2 Ped. 2:22) e de "um sepulcro aberto" (Sal. 5:9). Ao invés de viverem cada momento no ininterrupto e vibrante amor de Deus, como a lei divina exige, eles viveram – que vergonha! – inteiramente

voltados para o amor de si mesmos e para o pecado. Certamente a lei de Deus é justa! "Maldito é todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las" (Gál. 3:10). Uma vez que não permaneceram, eles são de fato malditos.

Ora, deve ser claro que tais* pessoas admitirão prontamente que qualquer esperança para elas só será possível se Deus for misericordioso. A graça, como meio de salvação, está inteiramente à disposição de qualquer um que reconhece seu demérito aos olhos de Deus.

Diante disso, poderíamos pensar que um pecador despertado para sua necessidade correria para receber uma salvação tão graciosa. Verdade maravilhosa! Espantoso favor! Que mais se poderia esperar? No entanto, a observação mostra que os pecadores despertados são, às vezes, muito lentos para receber esse conforto. Isso acontece não porque a graça de Deus é deficiente, nem porque a salvação é de algum modo incompleta, e sim porque freqüentemente o pecador acha que ainda não teve *bastante cons*ciência do seu pecado, ou porque sente que ainda não deseja Cristo suficientemente. Isso evidencia que ele ainda compreende mal a glória da salvação pela graça.

---

* Não suponha alguém que a descrição que fiz da experiência de pecadores sendo despertados pelo Espírito quanto às suas necessidades espirituais é um padrão preciso ao qual cada crente deve atingir. Cada crente tem que sentir sua carência antes que se disponha a buscar a graça. Deus, porém, tem muitos meios para tornar Seu povo disposto. A questão vital não é: quanta convicção tenho eu agora? e sim: eu verdadeiramente reconheço que pequei e que mereço a perdição? A. Booth.

Nossa convicção de pecado ou o desejo de termos Cristo como nosso Salvador não persuade Deus a ser gracioso para conosco. São experiências necessárias para nos tornar desejosos de receber a graça, mas *não são* necessárias para levar Deus a ser gracioso conosco. É a graça que controla o ato de Deus quando Ele nos chama e não o nosso montante de tristeza por causa dos pecados, nem o quanto desejamos ser salvos. Precisamos cuidar para que não desejemos as misérias da incredulidade, a fim de obtermos permissão para crer.

O chamado do evangelho é para pecadores infelizes que, de si mesmos, nada têm em que possam confiar. Aquele que verdadeiramente crê em Cristo precisa confiar nEle como justificador do ímpio (Rom. 4:5). O pecador que se sente, de algum modo, melhor do que o ímpio, não é encorajado a buscar a Cristo, e sim o pecador que sabe que é tão culpado quanto todos os outros! "Não vim chamar os justos", disse Jesus, "mas os pecadores ao arrependimento" (Mat. 9:13).

A base da esperança do crente e a fonte de sua alegria espiritual não decorrem do pensamento que ele fez alguma coisa para merecer sua própria salvação (chame isso de "crença" ou o que você quiser), *mas* das verdades de que a salvação é de graça e de que o Salvador "veio salvar o que se tinha perdido" (Mat. 18:11). Um crente depende da graça que não exige mérito, e de um Salvador que supre toda a justiça necessária.

Consciente, então, de que está na mesma situação de culpa de todos os outros ímpios do mundo, o pecador despertado está convencido de que seu chamado se deve exclusivamente

ao fato de Deus lhe ter sido gracioso. Ele não conhece outra razão para isso. Ele está plenamente persuadido de que Deus deu o primeiro passo. Quando ele pensa na experiência de ter sido despertado para reconhecer sua necessidade espiritual, ele diz: "Eu fui achado por Aquele que nem amei nem procurei".

Ser chamado por Deus é puramente um ato de Sua graça. Ter consciência de que a graça discriminativa de Deus o particularizou e o chamou, embora você não fosse diferente de todos os outros pecadores, deve encher o seu coração de gratidão cristã. Esse fato encherá o seu coração de grande incentivo para piedosa obediência e serviço cristão fervoroso.

Que direi a você que ainda não foi chamado? Se você deixar este mundo no estado em que está, estará perdido para sempre. Só os que são chamados aqui, são glorificados lá. Não suponha que o conhecimento dos fatos do evangelho poderá salvá-lo, se o seu coração está frio e sem qualquer sentimento de amor a Deus. Que vantagem haverá para você se deixar entre seus amigos a lembrança de um respeitável caráter, e você mesmo for perdido? Queira Deus que esse não seja o caso com os meus leitores!

5

Deus perdoa os nossos pecados porque Ele é misericordioso

O perdão do pecado é aquilo que o pecador espiritualmente despertado mais deseja. Todavia, é possível o perdão? Sem a Bíblia jamais saberíamos se tal perdão seria possível. Vemos, nas Escrituras, que Deus fala de Sua misericórdia desde os dias mais antigos: "O Senhor... perdoa a iniqüidade, a transgressão e o pecado" (Ex. 34:7).

Na Bíblia Deus fala de muitos modos a respeito do Seu perdão, como também sobre a pecaminosidade humana, de muitas maneiras diferentes. Os pecadores são descritos como "corrompidos" e "abomináveis". O perdão de Deus é descrito como "limpeza" e "cobertura". Os pecadores são descritos como "devedores" e "sobrecarregados". O perdão é apresentado como "apagador" de dívidas e como "levantador" do abatido. As ofensas "vermelhas" são tornadas brancas "mais que a neve". O perdão de Deus é inteiramente adequado ao seu pecado!

O perdão de Deus para o pecado é* gratuito, pleno e

* Eu alterei a ordem de Booth (que era "pleno, gratuito e eterno") para dar ênfase à graciosidade do perdão, uma vez que é o tema deste livro. (Editor).

eterno. Esses três aspectos merecem considerações mais detalhadas, para mostrar quão completamente Deus na Sua misericórdia perdoa os pecadores.

Esse perdão é gratuito. Não há condições para serem cumpridas antes dele ser dado. Os exemplos das Escrituras tornam isso bem claro. Que condições Saulo de Tarso teve que cumprir antes de ser perdoado? Nenhuma! Ele era um inimigo de Deus. Foi perdoado não porque tivesse cumprido certas condições, mas "para que em mim, o principal pecador, evidenciasse Jesus Cristo a Sua completa longanimidade e servisse eu de modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna" (1 Tim. 1:16). Paulo, sem merecer, foi perdoado como "um modelo" para nós da graça perdoadora de Deus.

Que condições Zaqueu ou a samaritana ou o carcereiro de Filipos cumpriram para obterem o perdão? Nenhuma, de fato! Nenhum deles merecia ser perdoado. Outros exemplos também poderiam ser citados, porém contentar-me-ei com apenas mais um. Que condições o ladrão moribundo teve que cumprir para ser perdoado? Também nenhuma! Ele era um notório pecador. Teria ele razão para esperar uma resposta feliz à sua oração: "Lembra-te de mim..."? Seu perdão foi unicamente um ato da graça de Deus! E o fato de *só ele* ter sido perdoado, dos dois ladrões, é um ato da graça discriminativa.* (Veja o capítulo 3).

* Quão surpreendente são os caminhos da graça! Durante Sua vida, Jesus foi procurado por um jovem doutor decente e devoto, o qual buscava vida eterna através de exigências que ele supunha já ter cumprido, porém que "se afastou triste". Aqui, contudo, Jesus concede perdão na primeira oração de um miserável.

Ainda que esse perdão seja gratuito para os pecadores, nunca devemos esquecer de que Cristo pagou um alto preço por ele. Perdão para a menor das nossas ofensas só se tornou possível porque Cristo cumpriu as mais aflitivas condições – Sua encarnação, Sua perfeita obediência à lei divina e Sua morte na cruz. O perdão que é absolutamente gratuito ao pecador teve um alto custo para o Salvador. Entretanto, no exato momento de pagar esse preço, como para mostrar que ele não foi pago a favor de pessoas justas ou dignas aos seus próprios olhos, Jesus moribundo perdoou livremente o ladrão. É evidente que o perdão vem pela graça, e a graça é favor dado sem o cumprimento de quaisquer condições preestabelecidas.

Penso que já foram apresentados fatos suficientes para provar que o perdão é gratuito. Eu poderia facilmente acrescentar outros fatos. Mas deixo-os de lado e só quero lembrá-lo de um versículo marcante: "Quando éramos inimigos, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho" (Rom. 5:10). Está claro, então, que o perdão não foi dado por qualquer coisa boa que tais "inimigos" tivessem feito!

Em segundo lugar, esse perdão é pleno. Mesmo só um pecado traz a maldição da Lei sobre o pecador. O perdão deve ser pleno o suficiente para incluir cada pecado, e deve abranger os piores pecados, não importando quão perversos eles sejam, ou de outro modo tal perdão seria inadequado. Uma pessoa com um só pecado não perdoado está perdida.

O sangue de Cristo tem valor infinito por causa da gloriosa dignidade daquele que o derramou. A morte de

Cristo é capaz de "nos purificar de toda injustiça" (1 João 1:9), e isso significa que nos pode purificar *de cada pecado*, por pior que seja, e *de todos* os pecados, não importando quão numerosos sejam eles.

Podemos muito bem clamar: "Quem, ó Deus, é semelhante a ti, que perdoas a iniqüidade e esqueces da rebelião do restante da tua herança. O Senhor não retém a sua ira para sempre, porque tem prazer na benignidade. Tornará a apiedar-se de nós; subjugará as nossas iniqüidades, e lançará todos os nossos pecados nas profundezas do mar" (Miq. 7:18-19).

Venha, então, trêmulo pecador! Pense nas riquezas da graça! Não permita que nenhum pecado, ou mesmo uma multidão deles, o leve ao desespero. Deus nunca confere o Seu favor por causa do merecimento do pecador e nunca o nega por causa do seu demérito. A graça é livre e plena. Descanse sobre essa verdade!

Em terceiro lugar, o perdão é para sempre. Isso é a coroação final de um perdão completo. Ele é irreversível. As Escrituras dizem isso claramente: "...de seus pecados não me lembrarei mais" (Heb. 8:12). Essa promessa não é condicional, e sim absoluta. Não depende do perfeito comportamento subseqüente do pecador. (Se dependesse, então esse perdão certamente fracassaria e não poderia ser mantido.) Depende do valor eterno da morte expiatória do Senhor e da inabalável fidelidade de Deus. "Quanto está longe o oriente do ocidente, assim afasta de nós às nossas transgressões" (Sal. 103:12). "Quem intentará acusação contra os escolhidos de Deus? É Deus quem os justifica"

(Rom. 8:33). Essas fortes expressões significam que o perdão jamais poderá ser revertido.

O fato de Deus castigar Seus filhos quando eles pecam, não significa que eles possam perder o seu perdão. O castigo que lhes impõe é evidência do Seu amor e do Seu interesse por eles, e não um sinal de que Ele os está rejeitando.

O fato dos crentes orarem continuamente para que Deus lhes perdoe os pecados, não significa que eles já não estejam perdoados. Eles buscam *a consciência* de que foram perdoados. Não vamos imaginar que toda vez que eles pecam, arrependem-se, confessam o seu pecado e pedem perdão, Deus realiza novos atos de perdão. Contudo, eles precisam conscientizar-se sempre de que o perdão já lhes pertence, por serem filhos de Deus.

Quão glorioso, portanto, é o perdão que procede da graça de Deus. Quão completo é esse perdão! Nada existe que possa levar o pior pecador a deixar de pedi-lo. Ninguém tem razão para dizer: "Infelizmente, meus pecados são enormes demais!"

"Que diremos, pois, permaneceremos no pecado para que a graça abunde? De modo nenhum" (Rom. 6:1-2). Antes, o pecador perdoado dirá com a mais profunda gratidão: "Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome... (porque) é ele que perdoa todas as tuas iniqüidades" (Sal. 103:1, 3).

"O perdão de Deus é da mesma natureza dEle. Não é estreito, difícil, frio, restrito e condicionado como o perdão que impera entre os homens; mas é pleno, livre, insondável, sem limites, absoluto – é da mesma

natureza das excelências de Deus. Lembrem-se disso, pobres almas, quando tiverem de tratar com Deus a respeito desse assunto. O perdão não é merecido por obras piedosas realizadas antes, porém, é o mais forte motivo para se viver piedosamente depois de recebê-lo. Aquele que não aceita o perdão, a não ser que possa merecê-lo de uma forma ou de outra, não participará dele. Aquele que presume tê-lo recebido, e não se sente obrigado a ser obediente a Deus por causa do perdão que recebeu, na verdade não goza dele!" *

Leitor, tal perdão não seria próprio para você? Almeja ser perdoado? Então, olhe para Jesus que morreu por você. Isso que tanto deseja é um dom livre que se tornou possível por causa do Seu sacrifício a favor dos pecadores.

Você já está perdoado? Então o seu coração deve estar cheio de santo amor pelo Senhor e de compaixão para com qualquer que lhe ofenda. Aquele que se considera perdoado, mas não perdoa aos outros, "é mentiroso" (1 João 4:20).

---

* Abraham Booth cita esse parágrafo de um texto de John Owen, sobre o Salmo 130 – "Uma exposição prática sobre a natureza do perdão de pecado". (Editor).

6

Nossa justificação vem pela graça
Primeira Parte – provas

A doutrina da justificação trata de como um pecador é aceito por um Deus santo. É uma verdade muito importante. Errar a respeito dela pode ter perigosas conseqüências. Por isso, esta verdade exige que a consideremos* seriamente.

Justificação é um termo legal. Não significa, na realidade, tornar uma pessoa justa, em sua natureza. Justificação é o ato pelo qual um juiz declara que uma pessoa não é culpada. Portanto, a justificação é o oposto da condenação. Uma sentença de condenação jamais deve fazer de uma pessoa um criminoso. Ela declara apenas que tal pessoa deve

---

* Ainda que eu tenha escrito a respeito do nosso perdão e da nossa justificação em dois capítulos separados, essas são duas bênçãos que realmente não podem ser separadas. Aquele que é perdoado é justificado, e vice-versa. Contudo, há diferenças. Uma pessoa perdoada é ainda considerada como alguém que transgrediu. Mas, depois de justificada, é considerada como justa. Perdão só significa punição anulada; justificação significa que recompensa é merecida! A. Booth.

ser punida. Do mesmo modo, a justificação não declara que uma pessoa é santa, mas que ela deve ser considerada como merecendo um prêmio.

Há duas maneiras possíveis para as pessoas serem justificadas. Se pudéssemos achar uma pessoa que nunca quebrou a lei de Deus, então essa pessoa seria justificada *pela lei*. No entanto, a Bíblia diz: "Todos pecaram" (Rom. 3:23); e "não há ninguém que faça o bem, não há sequer um" (Rom. 3:10). Definitivamente, portanto, ninguém será justificado pela lei. Razão porque a Bíblia fala de uma "justiça de Deus" que se manifestou sem lei (Rom. 3:21). Essa é a justificação que vem pela graça de Deus, e que é revelada no evangelho. Consideremos agora no que consiste esta justificação.

Diz-se-nos que "é Deus quem nos justifica" (Rom. 8:33). Todavia, Ele é a pessoa que temos ofendido com os nossos pecados. Por isso essa justificação seguramente nos é imputada porque Deus é misericordioso e não porque nós a mereçamos.

Todas as três divinas Pessoas da Trindade têm parte na nossa justificação. O Pai estabeleceu o modo pelo qual ela devia ser feita. Ele deu o Filho para cumprir a lei de modo perfeito, em benefício dos pecadores. O divino Filho obedeceu integralmente à vontade do Pai e suportou a maldição de Lei violada pelos pecadores. E o Espírito Santo revela a livre disponibilidade do evangelho para os pecadores e habilita-os a recebê-lo. Assim, na linguagem triunfante de Paulo, podemos dizer: "Quem nos condenará?" Se o Deus triuno justifica, quem será maior do que Ele, para contestá-lO?

A Bíblia afirma que aqueles aos quais este maravilhoso favor é concedido são pecadores e pessoas ímpias. Isso significa que a justificação é "para aquele que não trabalha (por ganhá-la), mas para aquele que crê naquele que justifica o ímpio" (Rom. 4:5).

> *"Esta expressão – Deus que justifica o ímpio – leva alguns a argüirem, colericamente, que uma tal doutrina aniquila a necessidade do homem ser santo e praticar boas obras. Que necessidade há dessas coisas, dizem eles, se Deus justifica o ímpio? Mas, o apóstolo não diz que Deus justifica aqueles que continuam na impiedade. Todos os justificados foram ímpios até o momento de serem justificados. Entretanto, a partir do instante em que são justificados, se tornam piedosos. Devemos insistir que as Escrituras afirmam que Deus justifica o ímpio. Desde que se diz que todo aquele que é justificado "não trabalha (para isto)", fica excluída toda a sua suposta dignidade, como causa de sua justificação."* *

A justificação só ocorre porque Deus é misericordioso. Esse fato é expresso enfaticamente pelas palavras "Sendo justificados livremente por sua graça" (Rom. 3:24). Se essas palavras não provam que a justificação é totalmente livre, sem a menor consideração para com qualquer suposta bondade do pecador, então eu não sei que palavras poderiam provar essa verdade! Diz-se-nos plenamente que a bênção

---

* Esse parágrafo é citado do capítulo 18 do livro de John Owen, "Sobre justificação" (Editor).

da justificação nos é dada *sem qualquer causa* oriunda de nós – pois é isso que significa "livremente pela graça".

Não há condições a serem cumpridas, nem mérito a ser ganho – com ou sem a ajuda de Deus. Enfim, não há pré-requisitos para que o pecador seja declarado "sem culpa". Nada é exigido, exceto que Deus seja misericordioso!

Mas como pode um Deus santo e justo ignorar, aparentemente, a impiedade do pecador e justificá-lo? Como pode uma pessoa iníqua ser declarada justa? Não seria isso um malogro da justiça?

A justiça pela qual uma pessoa há de ser justificada perante Deus precisa ser uma justiça perfeita. A lei de Deus exige perfeição e não pode aceitar menos do que isso. Onde, porém, o pecador encontrará tal perfeição? "...nenhuma carne será justificada diante dEle pelas obras da lei..." (Rom. 3:20). Ao invés da lei de Deus justificar um pecador, ela denuncia quão grande pecador ele é! Por isso, todos quantos confiam na observação da lei, estão sob a maldição (Gal. 3:10). Pois aquele que "deixar de cumprir um só ponto da lei, é culpado de todos" (Tiago 2:10). Assim, dessa forma não há perfeita justiça para o pecador!

Se fosse possível adquirir justiça por guardar a lei de Deus, então não teria sido necessário para Cristo vir ao mundo. Se os homens pudessem ser justificados pela excelência de suas próprias vidas, então "Cristo morreu em vão" (Gál. 2:2). "Portanto, concluímos", escreve Paulo, "que o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei" (Rom. 3:28).

Nossa fé, contudo, não é a razão da nossa justificação.

Diz-se que os crentes são justificados pela *fé,* e não *por causa da fé.* Homem algum tem fé perfeita. Se a fé fosse a razão da justificação, então alguns crentes poderiam ser justificados por uma fé mais perfeita; outros, por uma fé menos perfeita. Ou isso, ou alguns seriam mais justificados do que outros! Tudo isso é absurdo. Além disso, torna a fé num meio de obter a justificação. Não! O que se diz é que a "justiça de Deus é revelada de fé em fé" (Rom. 1: 17). Portanto, a fé não pode ser aquilo que nos torna* justos.

Nem somos aceitos por Deus por causa de qualquer santidade produzida em nós pelo Espírito Santo, ou por causa de boas obras que tenhamos feito com o Seu auxílio. E se pensarmos que tal santidade é produzida por nós mesmos, então ela tem que ser considerada como nossa própria justiça. No entanto, o apóstolo Paulo torna claro que ele deseja ardentemente ser achado em Cristo "não tendo justiça própria que vem da lei, mas a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé" (Fil. 3:9).

Se dissermos que a nossa própria justiça é a condição para nossa justificação, então estaremos tentando obter a

---

* Aqui Abraham Booth tem uma secção na qual trata de uma idéia, prevalecente nos seus dias, de que a morte de Cristo tinha posto fim à velha lei e que agora temos que guardar apenas uma lei mais fácil, a de Cristo, podendo assim ganhar nossa justificação – mesmo por meio de uma obediência imperfeita. Ele argúi que a idéia de obediência imperfeita é absurda, porque toda lei é feita para ser guardada e, uma vez quebrada, comete-se pecado. Portanto, Deus, que exige perfeição, não pode justificar ninguém mediante obediência imperfeita, porque isso é pecado! (Editor).

nossa aceitação diante de Deus mediante esforço humano. Estaremos nos pondo de volta sob o concerto das obras; isso é o oposto do conceito da graça. O concerto das obras foi o arranjo que Deus fez com Adão, no qual Ele exigia perfeita obediência pessoal como condição de vida (Gên. 2:16-17).

O concerto da graça, contudo, é o arranjo pelo qual Deus faz ao pecador promessas de bênçãos, sem quaisquer condições. Na verdade, esse concerto é chamado de "concerto da promessa" (Ef. 2:12).

Se, então, o pecador que procura a justificação é ímpio; se o Supremo Governador do mundo exige obediência perfeita; se essa perfeição não pode ser encontrada no nosso comportamento, nem mesmo na nossa fé e obras, como então seremos justificados? Por um substituto que pudesse realizar tudo aquilo que fosse necessário e creditá-lo em nossa conta. Daí dizer-se que "somos feitos justos pela obediência de Cristo" (Rom. 5:19), e "justificados pelo seu sangue" (Rom. 5:9). Nossa justificação é possível somente pela graça de Deus, porque a obra salvadora de Cristo é creditada a nós.

Segunda Parte – Exemplos

A Bíblia torna bem claro que o crente não é justificado por sua própria justiça porém pela justiça que lhe é dada por outro. Cristo, obedientemente, guardou de modo perfeito a lei de Deus. Nossos pecados foram expiados por Sua morte. Somos declarados justos por causa do valor da vida e da morte de Cristo a nosso favor. Deus está satisfeito pelo fato de Suas

leis estarem ainda preservadas, inquebradas: Cristo cumpriu-as todas!

Esse foi o meio pelo qual Deus justificou Abraão. Ainda que Abraão tenha obedecido imediatamente a Deus ao ser chamado de Ur (Gên. 12:21); ainda que tenha se submetido prontamente à ordem de Deus para sacrificar seu filho Isaque (Gên. 22:2); ainda que tenha obtido o nome de "o amigo de Deus" (Tia. 2:23); ainda que a sua obediência tenha provado que a sua fé era genuína e que, nesse sentido, suas obras fizeram-no justo, contudo, nenhuma dessas coisas foi razão para Deus aceitá-lo. "Porque, se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se gloriar, mas não diante de Deus" (Rom. 4:2). Mas embora ele pudesse, talvez, gloriar-se diante dos homens, isso ele não poderia fazer diante de Deus. Que diz a Bíblia? "Abraão creu em Deus, e isso *lhe foi imputado* para justiça" (Rom. 4:3). Paulo prossegue e fala daquele que "não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio" (Rom. 4:5). Abraão é considerado ímpio. A justiça *lhe foi atribuída,* porque ele não a possuía de si mesmo.

Diz-se-nos que a Bíblia foi escrita "também para nós". Isto quer dizer que a obra do Redentor será imputada também a nós, "os que cremos" (Rom. 4:24). Assim Deus usa o mesmo método para justificar os crentes de hoje que usou no passado em relação a Abraão.

Paulo também toma Davi como exemplo. Porventura Davi descreve o homem abençoado como sendo justificado porque guardou, de modo perfeito, as leis de Deus? Jamais! Paulo disse: "Davi também declara ser bem-aventurado o homem a quem Deus imputa a justiça, sem as obras da lei"

(Rom. 4:6) e "Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado" (Rom. 4:8). Justiça imputada, justiça independente da lei, justiça independente das obras! Essa era a linguagem de Paulo. E foi isso que a Igreja Primitiva creu. Somos justificados somente pela graça de Deus!

Tendo visto o que Paulo diz a respeito de Abraão e Davi, consideremos seu próprio caso, como ele o descreve em Filipenses 3:4-9. Paulo aí mostra claramente que ninguém que não seja perfeitamente justo pode ser aceito por Deus. Há duas espécies de justiça: uma a que Paulo chama "nossa própria", a qual obtemos pela observação da lei; outra, que é a "justiça de Deus", a qual obtemos pela fé em Cristo. Paulo diz que *ele* foi justificado somente pela graça de Deus.

Há muitas outras passagens das Escrituras que podem ser usadas para provar que a justificação é somente pela graça, que a justificação é imputada ao pecador e nunca adquirida por ele. A seguir, apresento algumas delas:

1. Os que são justificados são ímpios. Seu perdão, portanto, não pode ser o resultado de sua própria bondade, nem pode ser o resultado da suposta bondade de quaisquer outros pecadores que podem até ser crentes justificados. Dessa maneira, nós humanos não podemos transferir a justiça de um para outro. Portanto, a justificação só pode ser nossa se a perfeita e infinita justiça de Cristo for creditada à nossa conta. Isso é chamado de *imputação.*

2. Em Romanos 5:12-21 Paulo fala da nossa ruína por causa do pecado de Adão. Ele afirma (v. 14) que Adão era

um tipo do Messias que estava para vir. A comparação entre Adão e Cristo é que, da mesma maneira como a culpa de Adão é imputada a todos os seus descendentes naturais, assim também a obediência de Cristo é imputada a todos os Seus descendentes espirituais. Por um (Adão) muitos foram feitos pecadores; por outro (Cristo) muitos foram feitos justos. A imputação é o método em ambos os casos.

3. A verdade pela qual estou argumentando talvez possa ser vista mais vividamente no seguinte versículo: "Aquele que não conheceu pecado, (Deus) o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Cor. 5:21). Ora, é claro que Cristo não "foi feito pecado" por pecar realmente. E por certo Ele não foi punido por qualquer pecado próprio, pessoal. O único modo pelo qual Ele poderia tomar sobre Si os nossos pecados foi aceitá-los como Seus ou, em outras palavras, como imputados a Ele. Uma vez que Paulo afirma que o mesmo método foi usado (tanto para imputar o pecado como para imputar a justiça), podemos deduzir com segurança que, como uma pessoa inocente só pode ser feita pecadora por imputação, assim uma pessoa culpada só pode ser feita justa por imputação. Por outro lado, como nenhum ato criminoso da parte de Cristo O fez pecado, assim também nenhuma atividade santa de nossa parte nos faz justos. Não somos justificados pela nossa própria justiça. Deus graciosamente imputa a nós a Sua justiça.

4. As objeções contra o ensino de Paulo tornam claro que ele pregava que as boas obras jamais foram a razão de nossa justificação. Paulo foi acusado de ignorar os mandamentos divinos e de sugerir que façamos o mal para que

venha o bem (Rom. 3:8, 31). Obviamente, portanto, nunca foi entendido que Paulo ensinava que devemos praticar *boas* obras para obter a nossa justificação; do contrário, tais acusações nunca lhe teriam sido feitas! Aqueles que ensinam que as boas obras são necessárias para obtermos a nossa justificação, jamais serão acusados de ensinar que a lei não deve ser guardada! (Em resposta a esse ataque, Paulo esclarece que embora as boas obras não sejam a causa pela qual o crente é justificado, no entanto elas serão feitas por todo crente justificado.)

5. A justiça pela qual somos justificados é chamada o "dom da justiça" que nós "recebemos" (Rom. 5:17). Se os crentes o recebem, isto é, se lhes é dado, então obviamente eles não adquiriram a justificação por fazer obras de justiça. Nós não *adquirimos* dons.

6. O propósito do evangelho é revelar a justiça de Deus (Rom. 1:17), e demonstrar a riqueza da graça de Deus, desde que o crente depende totalmente de Jesus para a salvação. O pecador não deve ousar apresentar nenhuma virtude como razão de sua justificação, mesmo que ele tenha a mansidão de Moisés, a paciência de Jó, o zelo de Paulo e o amor de João. Nossa justificação revela a glória de Deus.

É triste ver pessoas se cansarem, tentando estabelecer sua própria "justiça" (Rom. 10:3). Se você, meu leitor, a despeito de tudo o que tenho dito, ainda sente que precisa confiar na sua própria obediência para agradar a Deus, deixe-me lembrá-lo da natureza deste Deus a quem procuras agradar. Na presença dEle, mesmo os santos anjos velam suas faces, e clamam: "Santo, Santo, Santo". Seus olhos são

como chamas de fogo. Ele é cioso de Sua própria glória. Sua ira é tal que a terra e o céu fugirão da Sua face. Que argumentos, então, poderia você usar para recomendar-se perante Ele?

Pense no que disseram alguns santos da Bíblia: "Se eu me justificar, a minha boca me condenará; se reto me disser, então me considerará perverso" (Jó 9:20). "...à tua vista não se achará justo nenhum vivente" (Sal. 143:2). "Ai de mim, que vou perecendo porque sou um homem de lábios impuros" (Is. 6:5).

Seria sábio, seria seguro para você confiar em suas próprias obras imperfeitas, quando santos como Jó, Davi e Isaías falaram dessa maneira? Se a obediência pessoal deles perante Deus não suportou de forma melhor o Seu escrutínio, quão inferior deve ser a sua obediência! Incomparavelmente melhor é ter uma justiça que é perfeita e uma obediência que é divina, graciosamente dadas por Deus e livremente disponíveis à fé!

7

Nossa adoção vem pela graça

Deus não somente declara que os crentes são justos (que é a justificação); Ele também os adota como Seus filhos. O crente não se torna apenas um *amigo* de Deus – o que já seria um grande favor, mas torna-se também um *herdeiro* adotado por Deus, com indisputável direito à herança.

Na antiga Grécia ou Roma, era costume um homem rico que não podia gerar filhos, escolher uma pessoa de outra família e, pública e legalmente, torná-la sua herdeira. Essa pessoa assim escolhida não tinha o menor direito de esperar ser adotada dessa maneira. Contudo, uma vez feita a adoção, ela não mais pertencia à primeira família. Era a herdeira legal do seu benfeitor.

Notemos como os benefícios que Deus bondosamente dá ao crente crescem em riqueza:

a) quando Ele nos perdoa, tornamo-nos Seus amigos;
b) quando Ele nos justifica, somos declarados justos;
c) quando Ele nos adota, tornamo-nos Seus herdeiros.

A Bíblia descreve os crentes como "filhos de Deus". Ela assim o faz porque eles são nascidos de Deus, unidos a Cristo e adotados na família celestial. Não é de admirar que o apóstolo João exclame: "Vede quão grande amor nos tem

concedido o Pai: que fôssemos chamados *filhos de Deus"* (1 João 3:1).

Esses espantosos benefícios são dados, não por causa de qualquer dignidade que haja nos crentes, porém, somente por que Deus quer ser misericordioso. Ele "...nos predestinou para filhos de adoção... segundo o beneplácito de sua vontade, para louvor e glória da sua graça..." (Ef. 1:5-6). O propósito de Deus, ao adotar os crentes para fazerem parte de Sua família, é que Sua graça seja exaltada.

Aqueles que Deus adota são os que eram Seus inimigos; eram rebeldes culpados; estavam sob sentença de morte. Que os filhos da ira fossem feitos herdeiros da glória é certamente um ato de estupenda graça!

Se estudarmos abreviadamente os privilégios que os crentes possuem como resultado de sua adoção por Deus, veremos quão imensa é essa graça.

1. Os crentes agora têm um honroso caráter: não são servos nem amigos, mas *filhos* de Deus. E essa é uma condição inalterável. Os crentes são chamados *reis e sacerdotes.*

2. Os crentes têm uma marcante relação: não são meramente irmãos de Cristo, porém, são Sua noiva também. E essa união jamais será dissolvida.

3. Os crentes têm uma excelente herança: não meramente todo o auxílio da providência nesta vida, mas são herdeiros de toda a plenitude de Deus.

4. Os crentes desfrutam do benefício de ter o Espírito de Deus vivendo neles – o Espírito de adoção – como garantia de sua futura glória e como auxílio prático de sua vida espiritual hoje.

Que privilégio ser capaz de aproximar-se de Deus sem embaraço e sem temor. Nesse sentido, o mais pobre crente é mais rico do que todos os grandes nomes da terra.

Ora, que significam essas coisas para *você?* Você se denomina de *cristão?* Você tem alguma experiência dos privilégios que acabei de expor? Se não tem, então, longe de ser um filho de Deus, você é – como direi a verdade? Será que a aceita? – você ainda é um filho do diabo.

Todavia, se você é um crente, você é um filho de Deus. Cuidado em comportar-se como tal. Deixe que os filhos deste mundo satisfaçam sua mentalidade estreita com as coisas terrenas. Você não deve comportar-se como eles. Porventura você não é um herdeiro do reino de Deus? Então você precisa cuidar do bem-estar da Igreja de Deus. "...tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai" (Fil. 4:8).

8

Nossa santificação vem pela graça

Até agora tenho escrito sobre a mudança ocorrida no modo de Deus pensar em relação àqueles que Ele faz Seus filhos. Agora Ele pensa misericordiosamente a respeito deles como Seus filhos escolhidos, justificados e adotados em Sua família.

Entretanto, Deus não apenas pensa de modo diferente sobre eles, graciosamente, Ele também os faz *realmente diferentes* daquilo que eram antes de serem chamados. Deus os chama enquanto são ímpios, mas não permitirá que eles continuem ímpios. Bondosamente, Ele lhes dá amor para com Ele e para com Seus caminhos. A santificação é o processo espiritual pelo qual a imagem de Deus é renovada nos que são justificados. A conseqüência desse processo torna-os verdadeiramente santos.

A justificação e a santificação procedem da misericordiosa vontade de Deus. Contudo, são realidades diferentes. A justificação é um ato único pelo qual Deus, por Sua graça, declara o ímpio sem culpa. A santificação é um processo contínuo pelo qual Deus, por Sua misericórdia, muda os hábitos e o comportamento do crente, levando-o a praticar obras piedosas. A primeira (a justificação) nos livra da

condenação do pecado; a segunda (a santificação) nos livra da contaminação do pecado. A primeira é instantânea; a segunda, progressiva.

As pessoas para as quais Deus outorga a bênção da santificação são as pessoas justificadas. A santidade é uma maravilhosa bênção do novo concerto, não uma condição para ingressarmos nesse concerto. A santidade é, também, um dom da graça de Deus. Para explicar isso mais claramente, permita-me mostrar que somente uma pessoa justificada pode praticar obras boas e piedosas.

Para um ato tornar-se uma "boa obra" aos olhos de Deus, deve ser praticado por um motivo correto, de maneira correta e com um objetivo correto. Deve ser expressão do amor a Deus. Deve ser feito segundo a maneira que Deus ordena. Deve ter como objetivo apenas a glória de Deus. Nenhum ímpio pode praticar uma boa obra com motivo e objetivo corretos, ainda que aja de maneira correta.

As boas obras que o crente faz não visam à obtenção de sua salvação. Essa já lhe foi dada como um dom da graça de Deus. Por isso, agora, ele deseja guardar as leis de Deus como expressão de sua gratidão e amor para com esse Deus misericordioso. Assim, não repudiamos a lei de Deus como irrelevante. É como Jesus disse: "Aquele que tem os meus mandamentos, e os guarda, esse é o que me ama" (João 14:21). A verdadeira obediência procede do amor a Deus; o verdadeiro amor é obediente a Deus.

A santidade nos crentes é resultado deles estarem unidos a Cristo. O Espírito Santo vive neles porque estão unidos a Cristo. E o Espírito usa a Bíblia para influenciar os crentes

a serem santos no coração e na vida. Como Jesus orou: "Santifica-os na verdade, a tua palavra é a verdade" (João 17:17). E desde que a Bíblia é a base de nossa fé, quanto mais claro entendermos a sua verdade, tanto mais o fruto da santidade será produzido em nossas vidas.

Há certos argumentos nas Escrituras usados para impulsionarem os crentes a buscar a santidade. Ei-los:

1. São eleitos de Deus ou comprados como povo de Deus. Será que o preço pago a favor desse povo – o precioso sangue de Jesus – não é suficiente para persuadi-lo a odiar o pecado e a amar a lei de Deus? Estando ao pé da cruz e vendo os sofrimentos do Salvador, os cristãos devem ser ansiosos para opor-se a todo pecado: "Se alguém não ama ao Senhor Jesus Cristo, seja anátema" (1 Cor. 16:22).

2. Eles têm uma chamada celestial: "Mas, como é santo aquele que vos chamou, sede vós também santos em toda a vossa maneira de viver" (1 Ped. 1:15). Deus tem chamado os crentes para que sejam santos. Esse fato os encorajará a serem aquilo que devem ser.

3. As compassivas misericórdias de Deus, especialmente a bênção do livre perdão de todos os pecados, produzem uma prazerosa obediência a Deus: "Rogo-vos pois, irmãos, pela compaixão de Deus, que apresenteis os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional" (Rom. 12:1). Essas misericórdias quando recebidas, mesmo imerecidas, levam o crente a magnificar a graça de Deus.

4. Os crentes são adotados por Deus como filhos e herdeiros. Desde que o Espírito Santo, que habita no crente,

pode ser entristecido quando ele procede impiamente, o crente é fortemente induzido a não viver de modo descuidado.

5. As promessas de Deus também estimulam Seus filhos a prosseguirem em busca da santidade: "Pelas quais ele nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiqueis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concupiscência há no mundo" (2 Ped. 1:4).

6. A disciplina que Deus, como Pai, exerce sobre Seus filhos. É dever de um pai amoroso disciplinar seus filhos quando eles desobedecem. "E, na verdade, toda correção, ao presente, não parece ser de gozo, senão de tristeza, mas depois produz um espírito pacífico de justiça nos exercitados por ela" (Heb. 12:11). É triste quando os crentes só procuram a santidade devido temerem o castigo de Deus; contudo, essa procura nasce do bondoso amor de Deus e o castigo é uma boa razão para persuadir-nos a evitar a desobediência.

Esses argumentos não constituem todos os modos na Bíblia pelos quais os crentes são encorajados a buscar a santidade; porém, talvez sejam os principais. Servem para provar que a santificação é uma parte importante da nossa salvação. A graça de Deus para com os pecadores não é uma desculpa para que eles permaneçam na impiedade. Ainda que a santidade não lhes dê o direito à vida eterna, os filhos de Deus devem lembrar-se sempre de que não haverá evidência de que estão salvos, se faltarem às suas vidas os frutos da santidade.

Desde que nenhuma obra é aceitável a Deus, exceto aquelas que são feitas como expressão do verdadeiro amor

para com Ele, é claro também que as melhores boas obras dos incrédulos não são mais do que esplêndidas faltas! É absurdo dizer aos pecadores que façam isto ou aquilo como boas obras para conhecerem a Cristo como seu Salvador. O conhecimento de Cristo como Salvador não é adquirido pelo pecador, mas é graciosamente concedido por Deus.

> *"Sem isto, tudo aquilo que vocês fazem, ainda que possa agradar às vossas mentes ou tranqüilizar as vossas consciências, não é aceito por Deus. Vocês correm e podem fazê-lo sinceramente; contudo, correm fora do caminho. Empenham-se, mas não legitimamente, e jamais receberão a coroa... O fundamento da obediência espiritual tem que estar baseado na graça de Deus... Daí tem que proceder as obras da obediência, se quiserem encontrar aceitação diante de Deus."* *

Portanto, é a graça manifesta naquilo que Deus fez que é o incentivo para a verdadeira santidade. Esforça-te, então, servo de Deus, para ter uma idéia clara do que é a graça divina. A mesma graça que provê, revela e concede as bênçãos da salvação, torna-se a mestra que lhe ensina e estimula a andar em santos caminhos.

---

* Esse parágrafo é citado de um texto de John Owen sobre o Salmo 130 (Editor).

9

A importância da santidade e das boas obras

Este capítulo oferece-nos algumas importantes razões porque os crentes devem praticar boas obras. Devemos insistir que o evangelho é absolutamente gratuito para o pior dos pecadores – pois ele é oferecido pela graça de Deus – contudo, devemos também insistir que não é cristão aquele que não viva uma vida santa. Boas obras não podem obter nossa salvação, mas são a evidência dela.

Todo aquele que é nascido de cima possui uma nova vida espiritual. A imagem de Deus é restaurada naqueles que crêem. Será possível então, que tais pessoas não sejam santas? Duas importantes razões para a santidade e boas obras são:

1. A santidade de vida prova a verdade das nossas reivindicações quando afirmamos que somos filhos de Deus. Todo aquele que simula crer em Jesus, mas é descuidado a respeito das boas obras, tem uma fé inútil.

2. Boas obras, particularmente o auxílio dado aos crentes pobres e perseguidos, serão lembradas por Jesus no dia do juízo. Serão a evidência daqueles que são realmente cristãos, distinguindo-os dos incrédulos ou crentes apenas de nome.

Contudo, observe cuidadosamente que o praticar boas obras nunca é razão para sermos justificados. A justiça pela qual somos justificados tem que ser perfeita, para passar no escrutínio de Deus. No entanto, nossos melhores atos são imperfeitos. Nenhum deles pode justificar-nos!

Desse modo distinguimos entre a base de nossa aceitação diante de Deus (que é a justiça de Cristo livremente imputada a nós) e a superestrutura construída sobre esse fundamento – nossa santidade prática.

> *"Nosso fundamento, ao tratarmos com Deus, é só Jesus Cristo; é graça e perdão nEle. O nosso edifício constrói-se com santidade e obediência. E alguns homens cometem grandes erros a respeito desse assunto, e não têm conforto na sua fé. A razão disso é que eles estão sempre apresentando sua obediência e seus deveres como fundamento. Tais pedras não são adequadas para suportar o peso todo desse edifício! O único fundamento apropriado são a graça, a misericórdia e o perdão pelo sangue de Cristo. Lançado esse fundamento, então por todos os nossos dias devemos construir sobre ele os frutos da nossa fé."*[*]

Assim, santidade e boas obras são essenciais ao nosso caráter cristão. Se faltar em nós piedade prática, enquanto afirmamos que somos cristãos, então somos idólatras.

Freqüentemente a razão por que os assim chamados cristãos não praticam boas obras é porque eles são avarentos.

---

[*] Abraham Booth cita esse parágrafo de um texto de John Owen sobre o Salmo 130 (Editor).

Esse pecado é muito mal compreendido. Com freqüência eu ouço a observação: "Ele é um bom cristão, porém é homem avarento". Você poderia, igualmente, dizer: "Ela é uma boa mulher, mas é dona de um bordel". Uma dessas afirmações não é mais absurda do que a outra. A avareza não é uma falta trivial: é idolatria – um crime abominável (1 Cor. 6:9-10; Ef. 5:5; Col. 3:15). Talvez haja poucos pecados para os quais se apresentam tantas desculpas. Conseqüentemente, há bem poucos outros pecados contra os quais tanto precisamos estar precavidos. Ser avarento é crer que o propósito da vida é apenas acumular riquezas. "Acautelai-vos", disse Jesus, e "guardai-vos da avareza; porque a vida de qualquer um não consiste na abundância do que possui" (Luc. 12:15).

A pessoa que diz ter fé em Jesus, mas não vive habitualmente sob a saudável influência do amor a Deus e a seus semelhantes, não tem o direito de chamar-se cristã. Eis aí quão importantes são as boas obras!

10

A graça mantém os crentes seguros até que cheguem ao céu

Nos capítulos anteriores, vimos que maravilhosos privilégios são dados ao crente pela graciosa generosidade de Deus – justificação, adoção e santificação. No entanto, qualquer crente que compreende a fraqueza do seu próprio coração e a força de seus inimigos espirituais, perguntará prontamente: como posso saber que não perderei estas dádivas inapreciáveis? A graça as deu, porém, como as reterei? Lembre-se de Pedro! "Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei." "Ainda que me seja mister morrer contigo, não te negarei" (Mat. 26:33, 35). Ele falou tão confiantemente! Não obstante, caiu! Como, então, perseveraremos?

A Bíblia diz que Deus dá capacidade, de modo que mesmo um "bichinho... os montes trilhará e moerá" (Is. 41:14-15). Sim, os crentes *perseverarão.* Isso não é difícil de acreditar quando nos lembramos de que o Deus Triuno está totalmente empenhado na tarefa de preservar Seus filhos. Seguem-se algumas razões referentes à nossa segurança.

1. O *amor* de Deus guardará seguros os crentes. Tendo-os uma vez escolhido por Seu amor misericordioso, ou esse amor precisa morrer ou ele precisa ser impedido de fazer aquilo que deseja, antes que o crente possa ser perdido. O amor de Deus, no entanto, é imutável e Seu propósito não pode ser frustrado.

2. O *poder* de Deus guardará seguros os crentes. Se uma só alma salva pudesse ser perdida, então duvidaríamos de que Deus tem todo o poder; Sua glória poderia ser questionada; Sua sabedoria revelar-se-ia incompleta.

3. As *promessas* de Deus guardarão seguros os crentes. Deus tem feito muitas promessas a Seus filhos, tais como: "Não te deixarei, nem te desampararei" (Heb. 13:5). Nessas promessas... "é impossível que Deus minta" (Heb. 6:18).

4. *O concerto* de Deus garantirá que os crentes serão guardados seguros. Os crentes são o objeto do novo concerto da graça feito por Jesus Cristo. Esse é um pacto muito melhor do que o velho pacto feito com Adão (o qual foi temporário, garantindo a vida somente enquanto houvesse obediência perfeita). O novo concerto é descrito como um "concerto eterno". Deus diz: "E farei com eles um concerto eterno, que não se desviará deles, para lhes fazer bem" e "lhes darei um mesmo coração e um mesmo caminho, para que me temam todos os dias..." (Jer. 32:39-40). Que maior segurança poderia haver do que num concerto como esse?

5. A *fidelidade* de Deus guardará seguros os crentes. Deus diz: "...nem faltarei à minha fidelidade" (Sal. 89:33). Regozijem-se, então, crentes fracos! A base da sua confiança é forte – mais forte do que as turbulências da vida; mais

forte do que os temores da morte; mais forte do que os terrores do juízo. O Deus de poder, de verdade e de graça é Deus fiel também.

6. O valor do *sacrifício de Cristo,* Sua intercessão por Seu povo e Sua união com ele garantem que os crentes serão guardados seguros. Teria Ele sofrido tanto apenas para perder aqueles que redimiu? Se Ele é responsável para com "o Pai que me enviou, para que nenhum daqueles que me deu se perca" (João 6:39), acaso poderíamos imaginar que Ele falharia? Poderíamos pensar que Suas orações seriam ignoradas pelo Pai que nEle Se compraz? Se os crentes estão unidos a Ele como membros do corpo espiritual, do qual Ele é a cabeça, como poderiam eles ser perdidos?

7. *O Espírito Santo,* vivendo nos crentes, guarda-os seguros. Ele é o guia deles e os fortalece. Em viver neles, o Seu propósito é levá-los à glória. Ele é a "garantia (penhor) da nossa herança" (Ef. 1:14). Uma garantia como essa basta para assegurar aos crentes que alcançarão sua futura herança.

8. *As Escrituras e as ordenanças** da Igreja foram dadas de modo a guardar seguros os crentes. Todas as promessas, as exortações, as advertências e os exemplos na Bíblia, concorrem para guiar os crentes. Eles têm sua fé confirmada, sua santidade acrescida e sua compreensão aumentada pelas ordenanças da Igreja.

Temos, então, inteira razão para concordar com Paulo quando diz que "Deus, onde quer que comece uma boa obra,

---

* Por essa frase Abraham Booth está referindo-se à pregação da verdade das Escrituras, ao Batismo e à Ceia do Senhor (Editor).

certamente a completará" (Fil. 1:6). Os crentes são ramos de uma videira que nunca murchará, membros de um corpo cuja Cabeça jamais morrerá; eles vivem – não por sua própria vida – mas pela vida de Cristo.

Aqui, talvez, surjam objeções, isto é, se a preservação dos crentes depende tanto de Deus, então será que precisam ser cuidadosos com o seu modo de viver, uma vez que sua segurança final está garantida? Foi exatamente assim que satanás tentou nosso Senhor. "Se tu és o Filho de Deus, lança-te daqui abaixo... aos seus anjos ele dará ordem a teu respeito" (Mat. 4:6). Nosso Senhor – que não tinha a menor dúvida a respeito do cuidado do Seu Pai para com Ele – rejeitou o argumento de satanás com repulsa, porque estava baseado num uso errado das Escrituras. O crente reagirá do mesmo modo e recusará viver descuidadamente. As promessas de Deus não nos foram dadas para permitir-nos pecar mais facilmente. Outros argumentos poderiam ser usados, mas desde que já foram considerados não os repetirei.*

Por outro lado, não é razoável argumentar que, devido os crentes serem instados a suplicar continuamente o auxílio de Deus, seu destino final deve ser incerto. Cristo mesmo orou fervorosamente e com freqüência ao Pai. Seria incerto o futuro de Cristo? Não! Orar, pedindo o auxílio de Deus, é uma coisa sensata para os crentes fazerem, pois se eles são descuidados e desobedientes, o Pai celestial precisa disciplinà-los. Quando eles percebem que suas infidelidades ofendem o Espírito assim como desonram a Deus e o

* Veja Capítulo 3 (Segunda Parte) e Capítulo 9 (Editor).

evangelho, eles aprendem a orar zelosamente por auxílio. A oração é necessária para uma vida espiritual bem sucedida agora, ainda que a perseverança até o fim esteja garantida para o futuro. Os verdadeiros crentes não podem ser descuidados e indiferentes, uma vez que os seus incansáveis inimigos espirituais estão ávidos por levá-los à derrota.

Contudo, os crentes podem ser confortados também. A graça de Deus começou por salvá-los, e tudo o que é necessário para garantir que alcançarão a perfeição é também graciosamente providenciado por Deus. Realmente felizes são aqueles que vivem no reino da graça.

11

A graça é bem sucedida devido Cristo ser quem é

Nossa salvação é perfeitíssima, porque Jesus Cristo é singularíssimo. Precisamos prestar cuidadosa atenção para compreender Suas naturezas. Cristo possuía duas naturezas, ainda que fosse uma só pessoa. Ele era Deus e homem. O fato dEle ser único nesse sentido é a razão por que a redenção que Ele obteve e oferece gratuitamente é perfeitíssima.

Ele tinha que ser verdadeiro homem. Originalmente a lei de Deus foi dada para os seres humanos a obedecerem, assim alguém poderia mostrar que uma pessoa seria capaz de cumpri-la com sucesso. Adão fracassou. Cristo, porém, foi bem sucedido. Ele nunca falhou em agradar ao Seu Pai. E o cumprimento da lei por Cristo foi aceitável porque Ele era verdadeiro homem. Se Ele fosse um anjo, não teria sido provado que um *homem* poderia cumprir a lei de Deus. Foi Adão – um homem – que pecou. Por isso, Cristo – um homem – precisava agora oferecer completa obediência. Além disso, a natureza humana de Cristo precisava estar *ligada* à natureza de nossos primeiros pais. Não seria adequado se Sua natureza humana fosse repentinamente

criada a partir do nada, porque, então, Ele não estaria ligado àqueles que veio salvar. O direito de redenção pertence somente a um parente próximo (Lev. 25:48-49).

Por outro lado, é igualmente importante que Sua natureza humana estivesse livre do pecado. Se Ele tivesse sido maculado mesmo no mínimo grau, pela pecaminosidade que herdamos, então Ele não teria podido guardar a lei de Deus, como também nós não podemos. Como Deus é sábio! Não obstante ter sido necessário ao Salvador nascer de uma mulher, Ele foi concebido de tal maneira que ficou livre da culpa de Adão (Mat. 1:20). Cristo tomou aquela natureza pela qual veio o pecado (em Adão) sem qualquer pecaminosidade inerente nessa natureza.

Era também absolutamente necessário que o Salvador fosse Deus tanto quanto homem. Nós humanos temos de obedecer a Deus, porque dependemos dEle para tudo. Assim, nossa necessidade de obedecer decorre de nossa dependência. Desde que somos *totalmente* dependentes dEle, precisamos ser *totalmente* obedientes a Ele. Parte alguma de nós é independente de Deus e, portanto, disponível para obedecer a Deus no interesse de outrem. Toda nossa obediência deve ser apenas em nosso favor. Somente uma pessoa sem necessidade de obedecer a Deus por causa de si mesma, pode obedecer a Deus em favor de outros. Portanto, nosso Salvador deve ser Deus e não dependente de Deus como nós. Só uma pessoa divina, que não seja dependente de qualquer outra pessoa, pode praticar atos de obediência desnecessários para ela mesma e por isso disponíveis em favor de outros.

O pecado é um dano infinito. A maldade de qualquer

ato mau é medida pela importância da lei que ele quebra. E a importância de qualquer lei está em proporção com a delicadeza e o *status* da pessoa que a formula. Portanto, desde que Deus possui beleza infinita, *status* e autoridade, Suas leis são de importância infinita e devemos obedecê-las inteiramente. Nossa desobediência é infinitamente criminosa. Conseqüentemente, nosso pecado merece punição infinita. Assim, quem seria capaz de suportar o peso de uma ira infinitamente divina sobre pecados infinitamente perversos, a não ser um Salvador infinitamente divino? Jesus precisa ser Deus tanto quanto homem, para ser um Salvador adequado.

E, finalmente, nosso Salvador precisa ser Deus e homem *ao mesmo tempo.* Ele é o mediador entre Deus e o homem, entre o Soberano ofendido e o pecador ofensor. Se Jesus fosse apenas divino, Ele não poderia representar o povo. Se Jesus fosse apenas homem, não poderia interceder junto a Deus. Só a condição de deidade estaria alta demais para os seres humanos; só a condição de humanidade estaria baixa demais para Deus. Jesus precisava reunir as duas condições simultaneamente para ser a pessoa intermediária, ligando Deus e os seres humanos.

Para cumprir Seus deveres de sacerdote, profeta e rei, Jesus precisava ser tanto Deus como homem.

1. Como sacerdote, Ele precisava ter algo a oferecer (Heb. 8:3). Mas, apenas como divino, Ele não teria coisa alguma a oferecer a Deus. Cristo, portanto, teria de ser um homem a fim de possuir uma perfeita humanidade para oferecer. Entretanto, como mero homem, Ele não teria

autoridade para dar a Sua vida e tornar a tomá-la. Cristo, portanto, para ter essa autoridade, precisava ser Deus. Ele morreu por causa da pecaminosidade infinita e, por isso, o oferecimento de Sua humanidade deve ter *status* infinito para ser adequada. Esse *status* só podia proceder de Sua deidade.

2. Como profeta, Ele precisava ser Deus para poder conhecer a mente de Deus e compreender a diversidade daqueles que, em cada época e nação, necessitariam do Seu ensino. Todavia, a fim de revelar a vontade de Deus em Sua vida por modos compreensíveis aos homens, Ele precisava ser homem.

3. Como rei, Cristo precisava ser Deus para tornar-Se o Senhor de nossas consciências, o Cabeça da Igreja, o Doador da vida eterna aos Seus seguidores e o Juiz de todos. Contudo, Ele necessitava também de ser homem porque, sem essa condição, Ele não podia ser o Cabeça da mesma natureza do corpo ao qual está unido, nem compadecer-Se dos Seus súditos, como Ele fez – e faz.

Podemos, portanto, ter a mais plena convicção na excelência da obra de Cristo como Redentor, porque Ele está excelentemente equipado para essa tarefa pela Sua Pessoa singular com duas naturezas. A salvação que tal excelente Salvador oferece graciosamente deve ser a melhor que pode haver. A graça reina!

Diante de tudo isso, que o leitor admire e adore o amor e a sabedoria de Deus! E que ele note quão sério é negar que Cristo é verdadeiramente Deus ou que é verdadeiramente homem. Ambas as negações destroem a Sua excelência como

verdadeiro Mediador entre Deus e os homens. Tanto a deidade como a humanidade de Cristo são essenciais à correta compreensão de toda a Sua obra salvadora.

Oxalá os pecadores corressem para esse Salvador tão adequado! Confiem nEle como poderoso para salvar; olhem para Ele para receberem instrução na verdade; esperem Sua proteção como Rei; rendam obediência a Ele; cultuem-nO, pois Ele é sobre todos, Deus bendito para sempre, pela Sua excelência, a excelência da graça de Deus é revelada.

12

A graça é bem sucedida por causa daquilo que Cristo fez

Já vimos como a excelência do Salvador torna possível uma excelente salvação para nós. Agora vamos ver quão excelente é a obra da salvação que esse Salvador realizou. Paulo diz que a graça reina através da justiça (Rom. 5:21). Noutras palavras, a graça de Deus vem a nós não porque Deus releva o fato da Sua lei ser quebrada por nós, mas porque a Sua lei foi plenamente satisfeita pelos atos de justiça que Cristo fez a nosso favor. Assim, Deus ainda honra a Sua santa lei, podendo ao mesmo tempo ser misericordioso para com os ímpios pecadores pelos quais Cristo morreu.

Pensemos na excelência daquilo que Cristo fez. Sua obediência foi irrepreensível. Ele cumpriu inteiramente a lei de Deus. Seu motivo, o modo e o objetivo de Suas ações – glorificar a Deus – foram sempre perfeitos. Ele pagou precisamente aquilo que a lei de Deus exigia como penalidade para os nossos pecados. Seu *status* infinito de Deus-homem satisfez plenamente a ira infinita da justiça de Deus. A justiça de Cristo é tão excelente quanto a divina sabedoria poderia conceber!

A justiça de Cristo é descrita na Bíblia por expressões figuradas tais como linho fino, branco e imaculado, vestido ornamentado de ouro, o melhor manto, a justiça de Deus, a justiça eterna. Ela é apresentada como sendo coisa completa e não como algo à qual se deva adicionar quaisquer feitos nossos.

Pode ser que os meus leitores concordarão prontamente em que a justiça de Cristo é, na verdade, tão excelente como tudo quanto tenho descrito. Mas, talvez perguntem: estaria ela disponível só para as pessoas boas, ou também para os pecadores? Quanto a isso a Bíblia insiste em que a justiça de Cristo não é apenas excelente, eterna e completa, e sim também é livre, e isso significa que ela é apropriadíssima para os pecadores. Não precisamos subir ao céu para achar Cristo, nem descer às profundezas: a graça de Deus traz a palavra de esperança até nós (Rom. 10:5-9). Não temos de realizar quaisquer tarefas impossíveis para obtermos esta esplêndida justiça de Cristo. A graça torna-a livremente disponível. Que encorajamento é isso para o pecador!

Cristãos de todos os tempos têm se gloriado nessa justiça como a única base de sua esperança. Quem poderá descrevê-la adequadamente? Como "a justiça de Deus" é melhor do que todo o possível louvor humano, assim também Deus é indescritivelmente mais glorioso do que um homem! Deus Se apraz em ser misericordioso para conosco, uma vez que Sua lei foi cumprida integralmente por Cristo a nosso favor.

13

O propósito final da graça de Deus

A graça de Deus é mais maravilhosa do que a graciosidade entre os seres humanos por causa dos admiráveis dons que ela proporciona a indignos pecadores. E o propósito final da graça de Deus é tão glorioso quanto a graça em si mesma. O propósito final de Deus é que os pecadores sejam levados, por fim, ao ditoso lugar de vida eterna com Ele. O céu é o último dom gracioso de Deus.

A Bíblia usa linguagem figurada para descrever a felicidade do céu. Ela fala de coroas, de tronos e de um reino. Fala de uma herança eterna a ser desfrutada pelos filhos de Deus. Fala de prazeres, para sempre, à mão direita de Deus.

Os crentes já têm um antegozo dessa alegria. A fé é descrita como "a substância das coisas que se esperam" (Heb. 11:1). O crente tem vida eterna agora. Talvez as alegrias do mundo porvir sejam prelibadas mais claramente em certas ocasiões do que em outras, porém sempre serão sentidas, em alguma medida, em todos os tempos.

A felicidade futura dos crentes pode ser contemplada em dois estágios: primeiro, depois da morte e antes da ressurreição; segundo, depois da ressurreição e do juízo.

1. A alma do crente entra na glória imediatamente após

a morte. Assim, para o crente, a morte é uma bênção! "Tudo é vosso", diz Paulo, "seja a vida, seja a morte" (1 Cor. 3:21-22). A morte é o portal da glória. E, como Paulo diz em outro lugar, "desejamos antes deixar este corpo, para habitar com o Senhor" (2 Cor. 5:8). Como Jesus disse ao ladrão moribundo: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso" (Luc. 23:43). Cristo prometeu-lhe as alegrias do paraíso, tão logo lhe sobreviesse a morte.

Completamente libertados de toda espécie de perturbações, os espíritos eternos dos santos alegram-se em estar com Cristo. Vêem Sua glória e Suas perfeições deslumbrantemente reveladas, as quais antes só entendiam obscuramente. Cultuam com reverente gratidão a graça que os levou até ali.

Não estão simplesmente olhando para o Senhor glorioso. O Senhor está solícito para com eles e alegra-Se com eles. Certamente podemos depreender isso do amistoso relacionamento que Ele manteve com os Seus discípulos quando esteve aqui na terra. Ele agora está exaltado no céu e Sua amizade com Sua família na glória deve ser mais exaltada ainda. Os membros dela partilham da Sua glória, e isso deve aumentar ainda mais a admiração deles!

A capacidade do crente para apreciar as glórias da redenção advinda do Salvador será grandemente aumentada desde que o embotamento pecaminoso deste mundo tenha ficado para trás. Se Paulo com sua compreensão terrena pôde exclamar comovido: "ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus" (Rom. 11:33), quão maior deve ser a maravilha experimentada pelas almas dos

crentes no céu! Pois ali elas vêem as grandes riquezas de Deus sem nenhum impedimento em sua visão. Vêem o poder de Deus. Vêem o amor de Deus. Vêem – como nunca antes – o pleno sentido daquilo que Cristo fez para salvá-las. Vêem, no céu, a plena maravilha da graça de Deus para com elas, pecadoras indignas que eram. Que êxtase de regozijo! Que arrebatadas emoções!

Nem mesmo a visão da justiça divina, revelada no julgamento dos incrédulos, em nada diminuirá o seu prazer em Deus. Pois agora a santa vontade deles é tão completamente de acordo com a vontade de Deus que eles concordam plenamente com aquilo que Ele faz.

Se o rosto de Moisés brilhou depois que ele esteve face a face com Deus no monte Sinai, quão maior será o brilho que Deus comunicará àqueles que O vêem na glória. E vendo a Deus mais claramente significa que o seu amor para com Ele será ainda maior. Livres de todo egoísmo e orgulho e de todas as imperfeições físicas que distorcem o culto aqui na terra, os santos no céu podem, como nunca antes, adorar a esse Deus de toda graça.

2. Todavia, enquanto a experiência do céu é tão feliz para os espíritos "desvestidos", como temos descrito, essa felicidade é menor do que aquela que gozarão depois da ressurreição.

Na ressurreição os corpos dos crentes voltarão à vida e se reunirão a seus espíritos. Isso será uma alegria! Enquanto os corpos dos santos estiverem confinados à sepultura, o efeito do pecado não é de todo debelado. Mas, quando seus corpos voltarem à vida, inteiramente novos e sem pecado, e se

unirem às almas sem pecado, então a vitória sobre o dano que o pecado causou será triunfantemente completa.

Faz parte fundamental da fé cristã que os mesmos corpos que morreram por causa do pecado, sejam trazidos à vida outra vez para demonstrar a vitória de Cristo sobre o pecado. Contudo, embora sejam os mesmos corpos, eles serão diferentes em natureza. Serão agora corpos incorruptíveis, gloriosos e cheios de poder; serão espirituais como o corpo de Cristo na ressurreição. Será que poderíamos imaginar o esplendor desse corpo? (1 Cor. 15:42-44; 1 João 3:2).

Outra coisa que aumentará a felicidade dos crentes na ressurreição é o fato de que eles, então, serão publicamente absolvidos pelo Juiz de toda a terra. O juiz é Cristo, seu amigo e Salvador. A justiça de Cristo os protege. O sangue de Cristo expiou os seus pecados. Quem pode condená-los?

E essa felicidade é para sempre. A herança deles está salvaguardada de qualquer inimigo. A coroa é imarcescível. O reino é eterno. A felicidade dos crentes é tão duradoura quanto o seu Deus, que de tal modo os favoreceu com Sua graça. E Deus é infinito!

Assim, foi a benigna misericórdia de Deus que primeiro concebeu o meio de salvação e escolheu os pecadores que deveriam recebê-la. Foi a bondosa decisão de Deus que perdoou, justificou, adotou e santificou Seus filhos. Foi o benigno favor de Deus que providenciou todas as bênçãos necessárias para nutrir e preservar a vida espiritual dos crentes. E, finalmente, é a graciosa disposição de Deus que abre o céu aos crentes como um lar eterno. A graça de Deus tem sido central do começo ao fim. Quando toda a história

estiver terminada, que regozijo haverá no céu, "porque ele trará a primeira pedra com aclamações: graça, graça a ela" (Zac. 4:7). E todos os anjos clamarão com alegria, também.

Que outras coisas aumentarão a felicidade dos crentes no céu? Não me aventuro a indagar. Não devemos nos entregar à imaginação curiosa. A coisa importante é sabermos que somos herdeiros dessa alegria.

Leitor, que pensa você a respeito de tudo isso? Provavelmente você espera ir para o céu quando morrer. Seria isso um mero desejo ou uma bem fundada esperança? Por que *você* espera ser feliz quando muitos serão eternamente miseráveis? Somente aqueles que conhecem a graça de Deus na terra verão a Sua glória no céu. Você não pode ter genuína esperança do céu no futuro, se não tiver agora o amor pela santidade, pois o céu, caso você entrasse lá, não seria um lugar feliz para você! Se você não ama o céu, mas apenas tem medo do inferno, que a graça de Deus o liberte, pois agora é herdeiro da destruição. Se você deixar este mundo nessa condição, nela viverá eternamente.

Você é uma pessoa séria? Você baseia a sua esperança na sua seriedade? Uma pessoa pode ser zelosa para com Deus e, no entanto, perecer para sempre (Rom. 9:31-32). Se você ama verdadeiramente a sua alma, não fique na incerteza quanto ao seu futuro. Leia a sua Bíblia; ore para que o Espírito da verdade o dirija.

Você é um filho de Deus? Então busque fazer acelerado progresso na religião vital. Use todos os meios da graça. Mantenha regular comunhão com Deus. Guarde-se contra o pecado habitante (Rom. 7:17). Jamais se esqueça de que

fora de Cristo e da graça de Deus você é uma criatura indigna e culpada. Comporte-se sempre de tal maneira que quando o Noivo celestial voltar, Ele possa encontrá-lo pronto.

Talvez agora tenhamos aprendido que o livre favor de Deus, outorgado a nós na salvação pela graça, é um tema tão sublime que tudo o que poderia ser dito ou escrito a respeito dele estará bem aquém de um estudo completo. Sim! O assunto permanecerá inexaurível, mesmo na eternidade, pois as riquezas de Cristo são insondáveis e a graça de Deus é incomensurável.

Somente pela Graça

Abraham Booth (1734-1806) nasceu em Blackwell, no condado de Derbyshire, Inglaterra. Quando tinha vinte e quatro anos casou-se com Elizabeth Bowmar, filha de um fazendeiro, e logo depois abriu uma escola num subúrbio de Nottingham.

A pregação de alguns batistas levou-o a um senso religioso e em 1755 ele foi batizado por imersão. Em 1760 Booth tornou-se superintendente da congregação Kirby-Woodhouse. Até então ele era um arminiano convicto, porém a partir daí ele mudou de posição, passando para as doutrinas sustentadas pelos Batistas Particulares.

Sua obra *O Reinado da Graça* foi escrita em 1768. Logo depois disso a Igreja Batista Particular em Little Prescot Street, Londres, convidou-o a ser seu pastor, e nela foi ordenado em 1769.

Booth faleceu em 1806, tendo sido pastor por trinta e cinco anos. Durante seu pastorado foi fundada uma academia que hoje está em Oxford, conhecida como Regents Park College, destinada ao treinamento ministerial. Seus vários escritos foram corrigidos e publicados em três volumes em 1813.

A atual Igreja Batista Church Hill em Walthamstow, Londres – descendente direta da igreja em Little Prescot Street – ainda possui a placa-memorial erigida em homenagem a Booth pelos membros daquela igreja.

PES

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Rua 24 de Maio, 116 – 3º andar – salas 14-17

01041-000 – São Paulo – SP